



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



**Sexting e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Inovações
Metodológicas e Processos de Resiliência**

Haryadny Kamylla Macedo Muniz

São Carlos- SP

2022



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



**Sexting e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Inovações
Metodológicas e Processos de Resiliência**

Haryadny Kamylla Macedo Muniz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

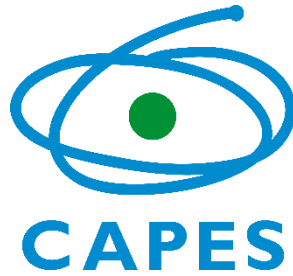
Área de concentração: Comportamento e Cognição

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa

São Carlos - SP

2022

Financiamento



Dissertação financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- (CAPES; Processo 88887.488511/202000; vigência de 01/03/2020 a 31/05/2022) por meio de bolsa de Mestrado concedida a Haryadny Kamylla Macedo Muniz. A pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Análise e Prevenção da Violência - LAPREV.

Agradecimentos

À minha mãe, Leila, que sempre incentivou e investiu na minha educação. A conclusão desta dissertação jamais seria possível sem todo apoio que recebi e ainda recebo de você. Obrigada por, desde quando eu era criança, me apresentar a educação como algo divertido e potente. Graças a isso pude construir uma relação de afeto com o aprender e trazer isto para este trabalho. Te amo e te admiro sempre e para sempre!

À minha avó, Raimunda (*in memoriam*), que também foi peça essencial no meu processo de formação acadêmica e da vida. Sou imensamente grata por todo apoio e suporte que recebi quando decidi que iria me aventurar em um mestrado. Obrigada por ter torcido tanto por mim durante o processo seletivo. Infelizmente você partiu antes que eu pudesse te dizer que consegui, mas sei que você ficaria orgulhosa de saber onde cheguei.

Ao meu irmão, Luiz Gustavo, que mesmo ficando chateado por eu, muitas vezes, pedir silêncio ou não poder brincar e assistir filmes, me deu suporte e um abraço forte quando precisei. Ao meu padrasto, Alex, e às minhas tias e tio, Cirlene, Sônia e Zeca. Obrigada por terem me ajudado durante todo este processo, nas mudanças e em todas as vezes que precisei. Este trabalho não seria possível sem vocês!

À Rafaela, que tanto me deu suporte durante a construção deste trabalho. Obrigada por ter sido, desde o começo, tão compreensiva com a minha rotina de estudos, por ter me apoiado todas as vezes que eu desanimei ou me desesperei. Obrigada, sobretudo, por ter me acolhido (e comprado doces) nos momentos em que as coisas não estavam dando tão certo quanto eu gostaria.

Ao meu orientador, Dr. Alex Pessoa, que há 7 anos, desde a minha iniciação científica, vem me acompanhando em minha trajetória de formação acadêmica. A partir de

seu olhar transformador, rigor científico magistral e vasto conhecimento teórico, possibilitou que eu aprendesse tanto durante este processo. Obrigada por ser sempre tão solícito e dedicado a pesquisa, aos seus orientandos e as suas funções de professor e orientador. Você é, sem dúvidas, uma pessoa que inspira a todos ao seu redor!

À Bárbara, Neli, Rafa(ga), Jaque, Yuki, Débora e Ariane, colegas do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV), que sempre foram tão parceiras e acolhedoras. É um prazer imenso integrar um laboratório de pesquisa composto por pessoas tão comprometidas com o fazer científico e empáticas com as pessoas. Mais do que colegas de trabalho, as considero amigas para a vida.

À todo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar, especialmente ao corpo docente e ao secretário Juan. Obrigada por não medirem esforços para manter este programa em nível de excelência.

Por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar integralmente este estudo e possibilitar sua realização.

SUMÁRIO

Lista de Siglas	6
Lista de Tabelas	9
Apresentação	10
Resumo da Dissertação	14
1.0 Artigo 1 - Potencialidades em Pesquisas Qualitativas com Adolescentes a partir de Vídeos Produzidos e Publicados em Plataformas Digitais	16
1.1 Desafios da Pesquisa Qualitativa com Adolescentes em situação de Vulnerabilidade.....	17
1.2 Condução de Pesquisas Qualitativas a partir de Conteúdos Produzidos Autonomamente por Adolescentes.....	22
1.3 Pesquisas sobre Sexting e Divulgação Não-consensual de Imagem Íntimas na Adolescência: Estratégias Investigativas Inovadoras.....	27
1.3.1 Espaço para Relatar e Compartilhar Experiências Adversas.....	30
1.3.2 Possibilidade de Edição dos Vídeos Publicados.....	32
1.3.3 Ambiente Seguro e Espontaneidade das Adolescentes.....	35
1.4 Limitações.....	38
1.5 Considerações Finais.....	40
1.6 Referências.....	42
2.0 Artigo 2- Sexting e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Processos de Resiliência e Protagonismo Juvenil	50
2.1 Introdução.....	51
2.2 Método.....	58
2.2.1 Delineamento.....	56
2.2.2 Corpus de Análise e Critérios de Inclusão e Exclusão.....	57
2.2.3 Análise de Dados.....	59

2.3 Resultados e Discussão.....	60
2.3.1 Interfaces entre Risco e Proteção para as Adolescentes.....	61
2.3.1.1 <i>Contexto Familiar</i>	61
2.3.1.2 <i>Relações entre Pares</i>	65
2.3.1.3 <i>Contexto Virtual</i>	69
2.3.2 “ <i>Isso me tornou quem eu sou</i> ”: Processos de Resiliência das Adolescentes.....	74
2.3.3 ‘ <i>Sem rosto, sem história</i> ’: Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos	78
2.4 Considerações Finais.....	82
2.5 Referências.....	84
3.0 Considerações Finais da Dissertação.....	94

Lista de Siglas

Cetic - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

GPPVS - Grupo de Pesquisa com Populações em Vulnerabilidade Social.

ITU - International Telecommunication Union.

LAPREV – Laboratório de Análise e Prevenção da Violência.

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e +.

UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund.

ProUni - Programa Universidade para Todos.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Interface entre risco e proteção no contexto familiar.....	63
Tabela 2 - Interface entre risco e proteção nas relações entre pares.....	65
Tabela 3 - Interface entre risco e proteção no contexto virtual.....	71
Tabela 4 - <i>‘Isso me tornou quem eu sou’</i> : Processos de Resiliência vivenciados pelas adolescentes.....	75
Tabela 5 - <i>‘Sem rosto, sem história’</i> : Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos.....	79

Apresentação

A construção do presente trabalho deu-se a partir de anseios que me¹ atravessaram desde muito nova e vêm acompanhando toda minha trajetória acadêmica, bem como minha trajetória de vida. Resolvi começar a apresentação desta dissertação dessa forma porque acredito que o fazer científico se relaciona com envolvimento ético, genuíno e político com as demandas sociais que atingem os mais vulneráveis.

Cresci no interior do Paraná, em uma cidade muito pequena. Estudei durante toda a vida em escola pública e vivi os meus primeiros anos sem muita percepção das injustiças sociais e das adversidades que a maioria da população enfrentava (e ainda enfrenta!). Certa vez, ainda quando criança, viajei para uma cidade maior e, pela primeira vez, me deparei com populações em situação de rua. Homens, mulheres e crianças pediam comida e dinheiro, enquanto outra parte da população passava por eles e seguia sua vida normalmente. Lembro de ter ficado horrorizada e pensado: “O mundo não é justo!”. Na inocência de criança voltei pra casa refletindo muito a respeito. Com pensamentos irrealizáveis e utópicos, lembro-me de planejar que, quando crescesse, levaria aquelas pessoas para morarem comigo e faria algo para mudar aquela realidade.

Com o tempo fui esquecendo (e, infelizmente, naturalizando) aquela situação e tantas outras formas de violência que me deparei depois dela. Sinto que passei a agir como as pessoas que haviam me horrorizado no passado. Afinal, o que poderia eu, dentro das condições tão limitadas, fazer algo para mudar a realidade de tantas pessoas?! Toda aquela ânsia de mudar o mundo foi adormecendo com o passar dos anos.

Após a minha entrada na Universidade (que se deu a partir do programa Universidade para Todos - ProUni), pude ter contato com disciplinas que me despertaram

¹ Por se tratar de uma apresentação dos motivos que me levaram a estudar durante o mestrado o sexting e a divulgação de imagens íntimas de adolescentes, optei em escrevê-la em primeira pessoa.

para refletir sobre os problemas sociais novamente. Dados epidemiológicos e textos discutidos em sala de aula, principalmente nas disciplinas de Cultura e Sociedade, Psicologia Social e Psicologia Social Comunitária, trouxeram à tona a angústia de um modelo social hostil para populações vulneráveis, principalmente a população pobre, negra, LGBTQIA+, as mulheres, crianças e adolescentes.

No entanto, dessa vez, ao integrar o Grupo de Pesquisa com Populações em Vulnerabilidade Social (GPPVS), ainda durante a graduação, encontrei um espaço de diálogo, militância e intercâmbio de ideias. Comecei a refletir sobre a função social da pesquisa e, mais particularmente, da própria psicologia enquanto ciência e profissão. Coordenado pelo Professor Alex Pessoa, o GPPVS se dedicou ao estudo de populações em situação de risco. Através desse coletivo pude conhecer instituições e programas interventivos que tinham como objetivo minimizar os impactos das adversidades vivenciadas por populações vulneráveis, a partir do estabelecimento de políticas públicas sérias e comprometidas. Também pude me apropriar da minha história e de situações que eu mesma vivenciei enquanto pertencente a grupos vulneráveis. Ali percebi que o conhecimento pode angustiar, mas como amplamente postulado por Paulo Freire, também liberta.

Participar do GPPVS me proporcionou estudar temáticas que geralmente são pouco abordadas nos currículos dos cursos de psicologia ou que são abordadas de forma superficial, de maneira descontextualizada. Após me envolver em inúmeros projetos de pesquisa e intervenção na temática da violência contra crianças e adolescentes, decidi, para o curso de mestrado, continuar nesse campo de atuação. Em função dos meus interesses pessoais, somado a pesquisas que estavam em andamento no Laboratório de Análise e Prevenção à Violência - LAPREV (Grupo de Pesquisa que atualmente eu integro), defini o

tema da minha dissertação de mestrado: o fenômeno do *sexting* e a divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual.

A expressão *sexting* deriva da junção das palavras *sex* (sexo) e *texting* (envio de mensagem de texto) e diz respeito a comportamentos que envolvem a troca de mensagens, imagens ou vídeos de caráter sexual, por intermédio de equipamentos eletrônicos (Cardoso et al., 2019). Já a divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual diz respeito ao compartilhamento de imagens íntimas (popularmente conhecido como nudes), muitas vezes advindas da prática do *sexting*.

Na presente pesquisa, busquei compreender e analisar falas de meninas adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de forma não consensual. Antes, produzi um artigo acerca de estratégias que considero inovadoras e promissoras na pesquisa sobre a referida temática. Além disso, conduzi um estudo empírico, a partir de vídeos publicados autonomamente pelas adolescentes na plataforma *YouTube*, a respeito dos processos de resiliência vivenciados por adolescentes que tiveram suas imagens íntimas expostas. Assim, a presente dissertação constitui-se de dois artigos.

O Artigo 1, intitulado “Vídeos Produzidos e Postados por Adolescentes em Plataformas Digitais: Potencialidades para Pesquisas Qualitativas”, teve como objetivo apresentar as limitações na coleta de dados com adolescentes, especialmente em investigações que envolvem temas delicados, bem como apresentar uma possibilidade de pesquisa que envolve a coleta de dados disponibilizados autonomamente pelos adolescentes em plataformas digitais. Já o Artigo 2, cujo título é “*Sexting* e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Processos de Resiliência e Protagonismo Juvenil” teve como objetivo analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual.

Ao final, apresentei as considerações finais a respeito do presente trabalho, buscando articular os conhecimentos produzidos em ambos artigos. Espero que essa pesquisa possa se constituir como um material relevante cientificamente, mas que também possa colaborar no enfrentamento de casos envolvendo a divulgação de imagens íntimas de adolescentes.

Boa leitura!

Muniz, H. K. M. (2022). *Sexting e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Inovações Metodológicas e Processos de Resiliência*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo

A expressão *sexting* é utilizada para denotar atividades que envolvem o envio de mensagens de textos, imagens e vídeos com conteúdos sexuais e/ou imagens íntimas. Embora a prática do *sexting* seja uma expressão contemporânea da sexualidade e não represente, *a priori*, um fator de risco para o desenvolvimento dos adolescentes, existem fatores de risco associados à sua prática. A exposição de imagens íntimas de forma não consensual aparece como um fenômeno que pode trazer sofrimento para a vida das vítimas, que, em sua maioria, são mulheres. Por se tratar de um fenômeno complexo e polissêmico, pesquisas conduzidas com adolescentes vítimas da exposição de imagens íntimas podem ser difíceis de serem realizadas. Isto ocorre, entre outros aspectos, pela dificuldade de acessar as vítimas e pela possibilidade de revitimização das adolescentes, que podem se sentir coagidas ao falarem sobre estas experiências com equipes de pesquisa. Com base nestas constatações, a presente dissertação foi organizada em dois artigos. No Artigo 1, discute-se as limitações na coleta de dados com adolescentes, especialmente em investigações que envolvem temas delicados, bem como é apresentado uma modalidade de pesquisa que envolve a coleta de dados disponibilizados autonomamente pelas adolescentes em plataformas digitais. Em síntese, constatou-se que as plataformas de vídeos foram importantes porque permitiram que as adolescentes compartilhassem suas histórias da maneira como lhes parecia mais adequado e conveniente. Algumas das adolescentes informaram que essa era a primeira vez que conseguiram abordar o assunto publicamente. O fato de as adolescentes terem a oportunidade de editar os vídeos também é relevante, pois permite que as mesmas reflitam sobre o conteúdo que produziram e compartilhem o que realmente desejarem, exercendo o protagonismo. Ainda, por gravarem os vídeos em espaços que escolheram e que se sentem confortáveis, viabiliza a espontaneidade e autenticidade, requisitos fundamentais nas pesquisas qualitativas. Já no Artigo 2, buscou-se analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. Para isto, foram selecionados vídeos de adolescentes, residentes no Brasil e nos Estados Unidos, que tiveram suas imagens íntimas divulgadas sem o consentimento e que publicaram, voluntariamente, seus relatos em uma plataforma de vídeos online. Tratou-se de um estudo qualitativo, exploratório-descritivo, conduzido a partir de um estudo de casos múltiplos. Após a definição de critérios de inclusão e de buscas realizadas na plataforma YouTube, foram selecionados 15 vídeos, sendo 9 vídeos com relatos de adolescentes residentes nos Estados Unidos e 6 vídeos relatos de adolescentes residentes no Brasil. Os dados foram analisados a partir da técnica de Análise Temática. 3 temas foram abordados no Artigo 2, sendo eles: (i) Interfaces entre risco e proteção; (ii) *‘Isso me tornou quem eu sou’*: Processos de Resiliência vivenciados pelas adolescentes; (iii) *‘Sem rosto, sem história’*: Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos. Ambos artigos apresentam suas limitações e recomendações futuras para o avanço do conhecimento científico produzido na área.

Palavras-Chave: Sexting; Adolescência; Divulgação não consensual; Violência; Resiliência

Abstract

The expression sexting is used to denote activities that involve sending text messages, images and videos with sexual content and/or intimate images. Although the practice of sexting is a contemporary expression of sexuality and does not represent, a priori, a risk factor for the development of adolescents, there are risk factors associated with its practice. The exposure of intimate images in a non-consensual way appears as one that brings suffering to the lives of children, who are mostly women. As it is a dangerous phenomenon, images of intimate exhibition complexes with teenagers can be delivered. This occurs, between the difficulties of access for the victims and the possibility of re-victimization of the adolescents, which can be verified on the coerced with research teams. Based on these findings, this dissertation was organized into two articles. In Article 1, we study how adolescents are themes presented in a collection of com, especially in data studies that involve sensitive data, a research modality that involves the collection of adolescents in digital format. In important hypotheses, it is known that as video platforms, teenagers were allowed to share their stories in the way they felt most appropriate and convenient. Some of the teenagers were informed this time for the first time that they had addressed the matter publicly. The fact that teenagers have the opportunity to edit the videos is also relevant, as it allows them to reflect on the content they produce and share what they really want, exercising a leading role. Also, by recording the videos in spaces they choose and feel, they enable spontaneity and authenticity, the fundamental requirements in research. In Article 2, we sought to analyze protective factors and nearby resilience processes in adolescents who had images released in a non-consensual manner. For this, videos of teenagers residing in Brazil and the United States were selected who had their intimate images released without consent and who voluntarily published their reports on an online video platform. This was a qualitative, exploratory-descriptive case study, based on a multiple study. After defining the reports of teenagers presented on the YouTube platform, 15 videos were selected, 9 videos with reports of teenagers in the United States and 6 videos of residents in the United States and 6 videos of residents in Brazil. Data was analyzed using computer techniques. 3 topics were reported in Article 2, namely: (i) Interfaces between and protection; (ii) “This made me who I am”: Resilience Processes experienced by adolescents; (iii) ‘No face, no story’: Protagonism and Harm Reduction Recommendations. Both articles are released and disseminated for the scientific advancement produced in the area.

Keywords: Sexting; Adolescence; Non-consensual disclosure;; Violence; Resilience

1.0 Artigo 1 - Potencialidades em Pesquisas Qualitativas com Adolescentes a partir de Vídeos Produzidos e Publicados em Plataformas Digitais

Resumo

O presente artigo objetiva discutir as limitações na coleta de dados com adolescentes, especialmente em investigações que envolvem temas complexos (como violência e condições de vulnerabilidade social), bem como apresentar uma modalidade de pesquisa que envolve a coleta de dados disponibilizados autonomamente por adolescentes em plataformas digitais. Sumariamente, argumenta-se que a coleta de dados a partir de conteúdos previamente publicados online e em plataformas digitais pode ser uma estratégia promissora na pesquisa qualitativa. Na primeira parte do artigo, são discutidas as limitações de pesquisas qualitativas que recorrem a técnicas e instrumentos de coleta de dados convencionais. Em seguida, são apresentados estudos empíricos cujas coleta de dados ocorreram em plataformas digitais, evidenciando as potencialidades e pertinência dessa abordagem investigativa. Por fim, na terceira seção, são apresentadas duas pesquisas realizadas no contexto brasileiro com adolescentes que praticaram sexting e tiveram fotos íntimas divulgadas na internet sem o consentimento. Essas adolescentes, de forma autônoma e voluntária, produziram e publicaram vídeos acerca de suas experiências, produzindo um material substancial para análises qualitativas. Estes dois estudos foram relevantes porque evidenciaram que: i) as adolescentes compartilharam suas narrativas da maneira como lhes pareceu mais adequado e conveniente; ii) algumas das adolescentes informaram que essa era a primeira vez que conseguiram abordar o assunto publicamente; iii) o fato de as adolescentes terem a oportunidade de editar os vídeos também é relevante, pois permite que as mesmas reflitam sobre o conteúdo que produziram e compartilhem o que realmente desejam, exercendo o protagonismo; iv) por fim, o fato de gravarem os vídeos em espaços que escolheram e que se sentem confortáveis viabiliza a espontaneidade e autenticidade, requisitos fundamentais nas pesquisas qualitativas. Complementarmente, foram debatidos os desafios e limitações dessa modalidade de pesquisa, assim como foram realizadas indicações para estudos futuros.

Palavras-Chave: Pesquisa Qualitativa; Inovação; Online; Plataformas Digitais; Adolescentes; Sexting.

1.1 Desafios da Pesquisa Qualitativa com Adolescentes em situação de Vulnerabilidade

Este artigo foi motivado pelo reconhecimento acerca dos impasses e desafios éticos e metodológicos em pesquisas com seres humanos (Assumpção et al., 2016; Amorim, 2019; Lemos & Aquino, 2021), especialmente na coleta de dados com adolescentes expostos a vulnerabilidades sociais e a violências. Diante disso, apresenta-se a possibilidade de pesquisa que envolve a coleta de dados produzidos de forma autônoma e postados por adolescentes em plataformas digitais.

Garantir o respeito à integridade física e psicológica dos participantes da pesquisa repercutiu no desenvolvimento de documentos internacionais que fundamentam a conduta ética, como o Código de Nuremberg em 1947 e a Declaração de Helsinque em 1964 (Attademo & Maccaro, 2022). Muitos países desenvolveram protocolos específicos e criaram comitês nacionais para avaliar a conduta ética dos pesquisadores, bem como os benefícios e malefícios aos quais os participantes de pesquisas podem estar expostos quando participam de pesquisas. Esses protocolos reúnem recomendações a serem seguidas no processo investigativo, principalmente nas investigações empíricas. Acima de tudo, visam garantir o bem-estar físico e psicológico dos participantes (Kehl, 2016), bem como a sua compreensão, autonomia e consentimento livre e informado ao participarem de uma investigação científica (Assumpção et al., 2016).

No entanto, embora tais iniciativas objetivem assegurar que os procedimentos utilizados não violem os direitos humanos, eles não garantem que as metodologias utilizadas sejam adequadas, assegurem o protagonismo dos participantes e captem acuradamente as percepções das pessoas sobre determinados fenômenos (Amorim, 2019), principalmente em pesquisas nas ciências humanas que recorrem a abordagens qualitativas (Pessoa et al., 2019).

Afonso et al. (2015) ressaltaram os desafios inerentes à consolidação de metodologias que captem fenômenos do desenvolvimento humano, sobretudo em temáticas relacionadas à condição psicológica e às experiências pregressas. Tais desafios podem ser ainda mais acentuados nas pesquisas com adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social ou que tiveram seus direitos violados (Coscioni et al., 2017; Pessoa et al., 2017). Uma revisão sistemática realizada por Tam et al. (2015), que objetivou avaliar a proporção de participantes de pesquisa que compreendiam os elementos apresentados nos termos de assentimento por eles assinados, revelou que a não compreensão dos participantes em determinados elementos do termo de consentimento chegou em até 47,9% da amostra. Isso significa que mesmo nas etapas preliminares das investigações, ou seja, na obtenção de consentimento/assentimento dos participantes, boa parte sequer compreendiam a finalidade do estudo ou os procedimentos que seriam engajados *a posteriori*.

O estudo supracitado dá indícios da fragilidade no que diz respeito à autonomia dos participantes de pesquisas, uma vez que são submetidos a estudos científicos sem entendimento completo da sua função enquanto participante (Amorim, 2019), tampouco da finalidade das pesquisas que estão participando. Tal problemática é grave e exige uma análise profunda dos pesquisadores. Além de comprometer a participação genuína em pesquisas, fere o princípio da autonomia, que se constitui como um requisito fundamental para a dimensão ética em pesquisa com seres humanos (Coscioni et al., 2017).

Outro fator também relacionado à autonomia e que perpassa a pesquisa com adolescentes especificamente, são as relações hierárquicas e assimétricas estabelecidas entre adultos-pesquisadores e/ou adolescentes-participantes. Fernandes (2016) pontua que, frequentemente, estas relações são marcadas por uma condição de subalternidade imposta aos adolescentes. De acordo com Marcilio et al. (2019), o desenvolvimento do

protagonismo juvenil em pesquisa relaciona-se ao fato de os adolescentes ocuparem lugar de destaque nas investigações. Isso implica a compreensão completa no que estão se envolvendo, a possibilidade de discordar dos pesquisadores, a recusa de serem submetidos a qualquer procedimento e, sem dúvidas, terem acesso aos resultados da pesquisa.

Todavia, os procedimentos inerentes à pesquisa com adolescentes deslegitimam essas premissas. O pesquisador define, arbitrariamente, todas as condições para a realização e execução do processo investigativo. Os instrumentos empregados, o local da coleta de dados, os conteúdos a serem abordados, a disponibilidade de tempo e o próprio processo de análise de dados são, quase sempre, decisões exclusivas do pesquisador. A lógica adultocêntrica (Sarmiento, 2004), fortemente impregnada na comunidade científica e em suas práticas, coloca os adolescentes em segundo plano e os torna coadjuvantes na produção do conhecimento sobre suas próprias realidades.

Além das demarcações hierárquicas estabelecidas com os adolescentes, a linguagem e as expressões adotadas pelos pesquisadores no processo comunicativo desconsideram características sociais desse segmento. Em outras palavras, a linguagem adotada pelos cientistas não está, muitas vezes, em consonância com a realidade cultural dos adolescentes, o que acaba reforçando distanciamentos e hierarquias (Coscioni et al., 2017). Isso pode impactar tanto no entendimento dos adolescentes sobre alguns aspectos da pesquisa, quanto na própria capacidade de expressão dos adolescentes, que podem se sentir inibidos e intimidados pela presença dos pesquisadores e das técnicas empregadas. O uso de termos técnicos e dissonantes da realidade dos adolescentes pode desencorajar ou desestimular o relato espontâneo e revelador das vivências e trajetórias dos adolescentes (Pessoa & Scorsolini-Comin, 2020), sobretudo quando as pesquisas se associam a experiências adversas ou dolorosas de serem relatadas.

Amorim (2019) questiona se é possível haver voluntariedade, autonomia e engajamento genuíno em pesquisas com populações que não têm acesso às necessidades básicas de sobrevivência ou que estejam expostas a vulnerabilidades sociais extremas. Complementarmente, Pessoa et al. (2017) apontaram que adolescentes com baixa escolaridade e expostos a situações de violência podem ter dificuldades para expressar suas experiências subjetivas quando são engajados em pesquisas cuja coleta ocorre por meio de técnicas e instrumentos convencionais (como entrevistas, questionários e escalas). Conteúdos sensíveis e delicados a serem expressados podem não ser captados adequadamente nas pesquisas com adolescentes por se tratarem de temáticas difíceis de serem expressadas (Coscioni et al., 2017; Zappe et al., 2013), especialmente quando não foram estabelecidas relações de confiança entre os participantes e os pesquisadores (Pessoa et al., 2017).

O estudo realizado, no Brasil, por Moraes et al. (2017) com adolescentes em situação de rua, ilustrou um caso em que houve uma incongruência nas informações relatadas por um dos adolescentes aos pesquisadores e informações coletadas de outras fontes, como o relato de terceiros e observações. Por alguma razão, o adolescente participante omitiu ou distorceu as informações aos pesquisadores durante a coleta de dados. Este caso evidencia o quanto os adolescentes podem se sentir intimidados ao participarem de uma pesquisa e, dessa forma, relatam informações que não correspondem aos eventos de suas vidas ou às dimensões subjetivas, o que repercute na produção de relatórios científicos inócuos e não condizentes com suas realidades.

Além disso, algumas pesquisas podem evocar conteúdos e situações tão adversas para os adolescentes de modo que os procedimentos investigativos podem reativizá-los (Moraes et al., 2017). Algumas temáticas, quando abordadas inadequadamente com os

adolescentes, podem repercutir negativamente na saúde mental dos participantes, sobretudo quando não tiveram acesso a espaços terapêuticos ou comunitários para elaborar as experiências traumáticas (Zappe & Dell’Aglia, 2016).

Apesar dos impasses apresentados e que revelam desafios metodológicos na realização de pesquisas com adolescentes, especialmente quando estes se encontram em situação de vulnerabilidade, isso não deve ser um impeditivo para a condução de estudos com esta população (Santana et al., 2018), principalmente porque a pesquisa pode ser um instrumento de fortalecimento de vínculos e de melhorias na vida dos adolescentes, sobretudo quando conduzidas de forma respeitosa e ética (Coscioni et al., 2017; Neiva-Silva et al., 2005).

Já é possível identificar publicações e comunicações científicas cujas relações entre pesquisadores e adolescentes são, notadamente, mais horizontalizadas e respeitosas. Liebenberg et al. (2020) relataram um estudo conduzido com adolescentes indígenas de comunidades remotas do Canadá. No estudo, os pesquisadores empregaram os métodos visuais, como fotografias e produção de vídeos, produzidos pelos próprios participantes. Os participantes expuseram os desafios enfrentados por eles na própria comunidade, bem como puderam expressar-se sobre a importância da inclusão de adolescentes nos processos de tomada de decisões acerca dos problemas identificados nos territórios que viviam. Além disso, os participantes foram envolvidos, junto aos pesquisadores, no processo de análise e disseminação dos dados (Liebenberg et al., 2019), portanto, participaram ativamente de todas as etapas da pesquisa, exercendo sua autonomia e protagonismo, sem serem classificados como meros informantes.

O estudo de Zappe et al. (2013), realizado no contexto brasileiro, é um outro exemplo de pesquisas bem-sucedidas no que tange aos cuidados éticos e acerca dos

benefícios do engajamento de adolescentes envolvidos nos processos de investigações científicas. A investigação recrutou adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de internação e, em uma etapa anterior à coleta de dados propriamente dita, teve como proposta envolver os participantes em oficinas sobre os princípios bioéticos em pesquisas com seres humanos, abordando, especialmente, a autonomia e voluntariedade nas pesquisas. Além disso, nas oficinas, os adolescentes tiveram espaço para expressar-se através de elementos de seus cotidianos, como músicas de *rap*, que condiziam com as suas vivências, tornando o ambiente ainda mais favorável para o desenvolvimento da autonomia dos participantes. Ao final das oficinas, os adolescentes apresentaram concepções mais críticas em relação às suas participações em estudos científicos (Zappe et al., 2013). As autoras do estudo concluíram que o conhecimento prévio (antes da intervenção) que os adolescentes tinham a respeito da autonomia e voluntariedade nas pesquisas não era suficiente para exercer uma tomada de decisão crítica sobre suas participações.

Com base nos desafios apresentados, considera-se necessário o desenvolvimento de abordagens investigativas que dialoguem com a realidade dos adolescentes e proporcionem autonomia e protagonismo para os participantes de pesquisa (Coscioni et al., 2017). Esse cuidado implicará, indubitavelmente, em resultados mais fidedignos em relação à realidade dos adolescentes, sobretudo daqueles em situação de exclusão social ou que passaram por experiências significativamente adversas.

1.2 Condução de Pesquisas Qualitativas a partir de Conteúdos Produzidos Autonomamente por Adolescentes

Recorrer a materiais produzidos autonomamente pelos próprios adolescentes pode ser uma estratégia eficaz e profícua na condução de pesquisas qualitativas. Os conteúdos

produzidos e compartilhados deliberadamente em redes sociais e outros espaços de sociabilização podem se constituir como recursos valiosos e mais assertivos para a análise de determinados temas (Araújo et al., 2019; Salvador et al., 2020). De acordo com o último levantamento do International Telecommunication Union (ITU) para o relatório *Measuring Digital Development: Facts and Figures*, os adolescentes compõem o grupo com maior acesso à internet, especialmente as redes sociais (ITU, 2021). Assim, o acesso constante à internet e redes sociais, somado às novas formas de comunicação e à produção de conteúdos que ficam registrados em plataformas digitais, indicam a necessidade de maior investimento da comunidade científica em recortes investigativos a partir destas fontes (Pessoa & Scorsolini-Comin, 2020).

Nessa modalidade de coleta de dados, os pesquisadores se inserem nas redes sociais ou em outros espaços virtuais (como fóruns de discussão online) e, desse modo, fazem uso de informações que foram previamente publicadas pelos usuários (Salvador et al., 2020). Para os autores supracitados, isso se apresenta como uma vantagem aos pesquisadores, principalmente aqueles que estudam grupos sociais específicos, pois a internet possibilita explorar o cotidiano desses segmentos de maneira dialógica e, muitas vezes, em tempo real.

Sabe-se que investigar interações e processos grupais também é uma possibilidade nas pesquisas que ocorrem fora do contexto virtual, com a utilização de técnicas como grupo focal e observação, por exemplo. No entanto, como já discutido anteriormente, diversos fatores podem influenciar a conduta dos participantes, como por exemplo, a presença do pesquisador, que pode inibir as falas dos participantes e “contaminar” a coleta de dados. Coscioni et al. (2017) alertam que os participantes podem se sentir coagidos ao participarem dos estudos e, desse modo, responderem aos instrumentos e técnicas empregadas pelos pesquisadores de acordo com aquilo que julgam ser esperado ou melhor

aceito pelo pesquisador. Dessa forma, a utilização de fontes produzidas autonomamente e deliberadamente pelos adolescentes se apresenta como uma alternativa profícua frente a estes possíveis vieses nas investigações científicas.

Phelps-Ward e Laura (2016) conduziram uma pesquisa utilizando dados já publicados na internet como estratégia de coleta de dados. O estudo teve como objetivo investigar vídeos produzidos (e compartilhados na plataforma *YouTube*) por adolescentes negras que mantinham o cabelo natural. O conteúdo dos vídeos deveria estar relacionado ao cabelo das adolescentes, abordando tópicos como rotina de cuidado com o cabelo, amor próprio e outras narrativas que as autoras consideraram contrárias ao discurso dominante e padrão imposto pela sociedade. Para as autoras, os *vlogs* publicados na plataforma de vídeos funcionam como um “*homeplace*” para as adolescentes. Nesse espaço elas falam sobre temáticas relacionadas ao cabelo (rotina de cuidados, produtos e penteados), mas também encontram um ambiente seguro para falarem sobre amor próprio e autocuidado, bem como das experiências adversas, como repressão, bullying, depressão e outros assuntos, geralmente ligados às suas vivências enquanto adolescentes negras e de cabelos naturais (Phelps-Ward & Laura, 2016).

Similarmente, Levinson et al. (2020) investigaram como os comentários realizados por usuários do *YouTube* se constituíam como uma possível fonte de apoio social para adolescentes e jovens de minorias sexuais e de gênero. O estudo indicou que o uso do *YouTube* por essa população se constituiu como uma fonte de apoio social e comunitário. Esse dado é extremamente relevante, uma vez que adolescentes e jovens de minorias sexuais e de gênero são expostos a processos de marginalização e, desta forma, comumente possuem baixo suporte familiar e social em seus espaços comunitários (Souza et al., 2021). Adicionalmente, a plataforma *YouTube* serviu como uma importante ferramenta para coleta

de dados e, através da ferramenta *comentários*, possibilitou aos pesquisadores a verificação das temáticas comumente abordadas pelo grupo supramencionado.

O uso destas estratégias metodológicas (coleta de dados a partir de conteúdos disponíveis online), possibilitou aos pesquisadores uma análise acerca dos impactos de experiências adversas na vida das adolescentes (preconceito racial) e os recursos disponíveis para o enfrentamento (disposição de redes de apoio afetiva e social). Bousso (2014), ao realizar uma pesquisa que utilizou a plataforma *Facebook* para coleta de dados, pontuou que o compartilhamento de experiências adversas no ambiente virtual tem o potencial de mobilizar estratégias de *coping*, bem como podem impulsionar a expressão de sentimentos retraídos e/ou que não foram compartilhados em outros espaços. Além disso, nestes casos não existe o risco de os adolescentes se sentirem coagidos a falarem sobre situações que ainda não foram elaboradas por eles, uma vez que eles próprios elegem os temas que abordarão e, principalmente, socializarão *a posteriori*.

A partir de indicações da literatura e dos estudos empíricos identificados, é possível ter indícios de que as redes sociais podem, em alguns casos, funcionar como ambientes seguros para os adolescentes falarem sobre suas experiências de vida, bem como espaços de intercâmbio e identificação com os pares (Baams et al., 2011; Nolan et al., 2017). Para Santos (2020), é no ambiente virtual que muitos adolescentes se sentem confortáveis para exporem suas ideias e sentimentos, justamente porque o medo de julgamento é minimizado e há um processo de organização interna e flexibilidade (Pessoa et al., 2019) acerca dos temas e conteúdos subjetivos que serão compartilhados.

A possibilidade de compartilhar os conteúdos (psicológicos ou sociais) de diferentes maneiras permite aos adolescentes eleger as formas que lhes são mais confortáveis, que dialoguem mais com suas realidades e que estejam em consonância com as suas

preferências individuais. O estudo realizado por Wallström et al. (2021), por exemplo, buscou investigar experiências de adolescentes que foram internados em unidades de cuidados psiquiátricos. Os pesquisadores utilizaram como fonte de coleta de dados textos compartilhados pelos adolescentes em *blogs*. O uso de recursos textuais, neste caso, possibilita que adolescentes tímidos e/ou que possuíam dificuldades para gravar vídeos também tenham espaço para relatar suas experiências. Além disso, através dos textos publicados de forma anônima, é possível preservar a própria imagem e identidade (Vermeulen et al., 2018). Desse modo, a internet possibilita diversas formas de expressão e os pesquisadores podem fazer uso dessa variedade para enriquecer suas coletas de dados.

Investigações desse porte possibilitam, ainda, o contato com uma amostra de participantes mais heterogênea, visto que, em condições de coleta de dados tradicionais (como uso de entrevistas, questionários e observações), os adolescentes podem se recusar a participar ou se inibirem durante a coleta de dados e, conseqüentemente, não conseguirem formular respostas que auxiliem na compreensão das perguntas de pesquisa formuladas previamente. No caso do uso de conteúdos publicizados autonomamente, tem-se a possibilidade de acessar adolescentes com perfis diversos. Além disso, problemas como incompatibilidade de horários entre pesquisadores e participantes, dificuldades com transporte, timidez, entre outras adversidades comuns nas pesquisas qualitativas, não são questões que se colocam como desafios nessa modalidade de pesquisa.

Assim, argumenta-se que a coleta de dados a partir de conteúdos previamente publicados pode ser uma estratégia promissora na pesquisa qualitativa com adolescentes. Desse modo, recomenda-se que pesquisadores e profissionais que atuam com esta população se mobilizem para o delineamento de métodos de coleta de dados que sejam inovadoras e que possam captar as experiências subjetivas dos adolescentes a partir do

material produzido por eles próprios, principalmente quando os conteúdos são difíceis de serem verbalizados ou compartilhados. Isso parece fazer ainda mais sentido para os estudos que tratam de temas delicados e mobilizadores, como nos casos de adolescentes que tiveram fotos e conteúdos íntimos compartilhados inadvertidamente.

1.3 Pesquisas sobre Sexting e Divulgação Não-consensual de Imagem Íntimas na Adolescência: Estratégias Investigativas Inovadoras

A troca de mensagens, imagens e vídeos de cunho sexual é definida pela comunidade científica como *sexting* (Cardoso et al., 2019a). Para além dos discursos conservadores e moralistas, entende-se que essa prática, quando consensualizada e mantida de forma saudável, pode estar relacionada a uma forma de exploração da própria sexualidade (Klettke et al., 2014), mediada pela tecnologia e seus recursos. Entretanto, apesar da prática do sexting não se apresentar como algo problemático por si só (Manoel et al., 2020), existem fatores de risco associados a ela (Cardoso et al., 2019b), como a divulgação e compartilhamento de imagens íntimas sem a autorização. Termos como *porn revenge* e *slut-shaming* são comumente utilizados para fazer alusão a situações cujas pessoas tiveram suas imagens íntimas divulgadas sem o consentimento por uma tentativa de vingança ou pela consolidação de uma campanha difamatória contra vítima (Gonçalves & Almeida, 2018). A divulgação não consensual de imagens íntimas constitui-se como um fator de risco na vida das vítimas e pode gerar diversos desfechos negativos, como prejuízos sociais, psicológicos e financeiros (Manoel et al., 2020; Ruiz et al., 2017).

Com relação à prevalência do fenômeno, uma revisão sistemática realizada por Cooper et al. (2016) apontou que a taxa de adolescentes envolvidos com o sexting variou de 7% a 27%. Em outro estudo, realizado por Gámez-Guadix et al. (2017), com 3.223

adolescentes espanhóis, pontuou que 10,8% dos adolescentes da amostra responderam ter se envolvido em comportamentos de *sexting*. Com relação às diferenças a partir da variável gênero, os resultados nas pesquisas se mostraram inconclusivos com relação ao engajamento dos adolescentes na prática (Cardoso et al., 2019b; Englander & McCoy, 2018; Klettke et al., 2014), no entanto é consensual que pessoas do gênero feminino são as maiores vítimas de divulgação não consensual de imagens íntimas e as repercussões negativas as atingem de forma mais veemente (Gonçalves & Almeida, 2018; Morelli et al., 2016).

Sem dúvidas, a prática está fortemente ligada aos avanços tecnológicos e à diversificação das ferramentas digitais disponíveis (Manoel, 2020), como sites, redes sociais e outras tecnologias de informação. Baumgartner et al. (2015) sugerem que existe uma possível correlação entre a frequência do uso da internet e o *sexting*. Considerando o período da pandemia da COVID-19 e o aumento vertiginoso do uso das tecnologias sociais no contexto educacional, laboral e de interações sociais de adolescentes, estudiosos da área chamam atenção para o aumento da prática do *sexting* e os casos de divulgação não consensual de imagens íntimas nos últimos anos (Lordello et al., 2021; Thomas et al., 2021). Dada as repercussões psicológicas e sociais na vida de adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de forma não consensual e o aumento no número de vítimas do fenômeno no período da pandemia, é relevante que a comunidade científica empreenda esforços para a compreensão deste fenômeno social contemporâneo.

Todavia, pesquisas com essa população não são facilmente conduzidas. Há, sem dúvidas, a subnotificação dos casos (UNICEF, 2019), pois muitas vítimas não conseguem acionar a rede de apoio ou realizar denúncias. Além disso, a coleta de dados convencional, por meio de entrevistas, questionários ou escalas, pode não revelar acuradamente a

percepção e as vivências subjetivas das vítimas, que podem se sentir envergonhadas ou inseguras para compartilhar suas experiências com pesquisadores (Patrocino & Bevilacqua, 2021), que, na maioria das vezes, não possuem vínculos afetivos e sociais com as adolescentes. Adicionalmente, o período da pandemia do COVID-19 e os riscos de contaminação limitou consideravelmente as possibilidades de interações presenciais nas pesquisas da área das ciências humanas e sociais (Oliveira, 2021). Isso significa que as investigações sobre sexting, divulgação não consensual de imagens íntimas na adolescência e outros temas sensíveis relativos à adolescência e juventude requerem a consolidação de métodos investigativos alternativos e recursos inovadores.

Como argumentado, o uso de conteúdos já publicados *online* por adolescentes constitui-se como uma estratégia que pode minimizar esses impasses. A partir de dois estudos realizados no contexto brasileiro (Duarte & Pessoa, 2021; Muniz, 2022), com dados disponibilizados por adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas sem o consentimento, serão apresentados argumentos que robustece a hipótese de que as pesquisas realizadas a partir de conteúdos disponibilizados por adolescentes no contexto virtual podem ser benéficas, auxiliar pesquisadores na exploração de temas delicados e se constituem como uma técnica inovadora e promissora.

Sumariamente, as pesquisas de Duarte e Pessoa (2021) e Muniz (2020) consistiram na captação e análise qualitativa de vídeos da plataforma Youtube, produzidos e publicados espontaneamente por adolescentes residentes no Brasil e nos Estados Unidos. O tema central dos vídeos era sobre como suas imagens íntimas tinham sido divulgadas de forma não consensual e as repercussões nas vidas das vítimas. A partir da definição de critérios de inclusão dos vídeos, da definição dos termos de busca (palavras-chave) e de recursos da própria plataforma (i.e, indicação de vídeos com conteúdos similares), foi realizada a

seleção dos vídeos que compunham o corpus de análise. Na sequência, as falas das adolescentes foram transcritas integralmente e o material foi analisado a partir da técnica da análise temática.

Neste artigo não serão apresentados os resultados das pesquisas mencionadas. O objetivo dessa seção é, a partir do banco de dados dos estudos de Duarte e Pessoa (2021) e Muniz (2020), discorrer acerca das potencialidades e vantagens de investigações desse porte que foram identificadas pelos próprios pesquisadores, em especial a partir de três dimensões: i) espaço para relatar e compartilhar experiências adversas; ii) ambiente seguro e espontaneidade das adolescentes; iii) possibilidade de edição dos vídeos publicados.

1.3.1 Espaço para Relatar e Compartilhar Experiências Adversas

Através da gravação e compartilhamento dos vídeos em plataformas online, as adolescentes têm acesso a um espaço para falarem sobre as experiências adversas que enfrentaram, o que talvez não tenha ocorrido em outros lugares. Além do espaço físico no qual as adolescentes gravam os vídeos (como será discutido a seguir), a própria plataforma de vídeos se torna um ambiente em que essas meninas demonstraram se sentir seguras para exporem suas histórias de vida, incluindo os assuntos difíceis de relatarem (Phelps-Ward & Laura, 2016). Em um dos vídeos, por exemplo, a adolescente explicita a importância de compartilhar no seu canal do *YouTube* o vídeo, contando sobre como foi ter as imagens íntimas expostas na internet:

No começo desse ano eu sabia o que queria priorizar, me comprometer com um canal no YouTube [...] mas eu tive que aceitar o fato de que não posso fazer isso, não posso começar esta jornada com vocês se não for vulnerável, se não for cem por cento eu mesma e, francamente, não posso fazer isso se não compartilhar essa história e a possuir.

Além disso, em algumas ocasiões, ao gravarem os vídeos as adolescentes têm, pela primeira vez, um espaço para falarem e serem ouvidas a respeito destas experiências dolorosas. Em um dos vídeos, uma adolescente relatou que, após 6 anos, aquela era a primeira vez em que ela falava publicamente sobre ter suas fotos íntimas serem expostas na internet de maneira não consensual:

Ei pessoal. Hoje estou fazendo um vídeo que é muito difícil pra eu fazer, na verdade. Sobre algo que aconteceu comigo, há cerca de seis anos [...] Quando algo assim acontece com você [ter imagens íntimas expostas na internet] é muito difícil querer se expor, é muito difícil querer estar no centro das atenções, querer ser falado, querer ser levado para o show [...] mas bem, aqui estou eu e aqui estão meus pensamentos sobre algo que eu nunca abordei publicamente antes.

Abordar as experiências adversas após um longo período do ocorrido pode acontecer devido à falta de oportunidades de acessar espaços terapêuticos e de ausência de rede de apoio e proteção (UNICEF, 2019). Pode, ainda, sinalizar que a adolescente não havia se sentido preparada para abordar o assunto em momentos anteriores. A coleta de dados com materiais produzidos e publicados autonomamente pelas adolescentes garante que o pesquisador não coloque a participante em uma posição de revitimização, na qual a adolescente se sinta coagida a falar sobre conteúdos que ainda não foram elaborados por ela própria.

A partir dos vídeos, as adolescentes também têm a oportunidade de expor a sua versão sobre os fatos ocorridos. Considerando que diversos espaços sociais e até mesmo órgãos de proteção às vítimas são passíveis de condutas pautadas no moralismo e no modelo de sociedade patriarcal, muitas vezes, as adolescentes que tiveram suas fotos expostas são julgadas, desqualificadas e culpabilizadas, justamente nos espaços que deveriam ser protetivos (Gonçalves & Almeida, 2018). Desse modo, através dos vídeos, as

adolescentes adquirem o direito de contar a própria história, da maneira que consideram mais pertinente. Por isso, a possibilidade de trazer a própria perspectiva é de extrema importância para estas adolescentes:

Ei, pessoal. Hoje o storytime não é engraçado. É uma situação séria em que eu estive, que eu realmente quero compartilhar com vocês. [...] trazer isso à tona [ter suas fotos íntimas expostas na internet] [...] é muito difícil, porque realmente mudou muito a minha vida. E não apenas para ressurgir e meio que contar a mais pessoas sobre, mas ao invés de mais pessoas descobrirem, estou dando a fonte ao mundo inteiro.

Hoje vamos falar sobre quando fui exposta. Eu sei, sim, tipo “merda, ela foi exposta” [se referindo a ela na terceira pessoa], tipo “ela tem nudes lá fora” [se referindo a ela na terceira pessoa] [...] mas então eu estou aqui dando meu lado da história.

Percebe-se que as adolescentes utilizaram as plataformas online como meio para externalizar as experiências adversas. Mais do que isso, é visível que o ambiente virtual se estabeleceu como um espaço seguro e acolhedor para as adolescentes. Caso uma equipe de pesquisadores tivesse se abordado para falar sobre assunto, há a probabilidade de que se sentissem desconfortáveis e não conseguissem expressar, de forma acurada, como se sentiam a respeito.

1.3.2 Possibilidade de Edição dos Vídeos Publicados

Uma vantagem adicional da condução de pesquisas com adolescentes a partir de vídeos que foram compartilhados em plataformas digitais é a possibilidade da edição dos conteúdos antes que sejam publicados. Há a possibilidade de os próprios adolescentes elegerem, autonomamente, quais informações consideram mais importantes para compartilharem com outras pessoas. Também há a possibilidade de excluírem conteúdos

que foram gravados e não socializarem temas que, *a posteriori*, julgarem ser inadequados ou, por algum motivo, não se sentirem confortáveis. Em um vídeo socializado por uma das adolescentes, ela relatou: “É isso. Esse é o vídeo de hoje e um beijo. Até semana que vem, tá? Só isso que eu queria falar, gente. Só isso, né? [risos] Vai ter uns 40 minutos o vídeo. Mas é isso.”

Apesar de ter mencionado que o vídeo teria aproximadamente 40 minutos de duração, após a edição, a adolescente publicou o material com cerca de 15 minutos. Além disso, foi possível observar alguns cortes, decorrentes da edição, durante as falas da adolescente. Complementarmente, os participantes podem interromper a gravação, especialmente quando algum assunto é desconfortável ou difícil de ser relatado. Em um dos vídeos, uma adolescente, notadamente emocionada, interrompeu a gravação no momento em que iniciou o relato de como descobriu que suas fotos haviam sido divulgadas sem o seu consentimento:

Então, eu lembro que estava no telefone com a minha melhor amiga [...] ela falou: "Garota, esses garotos estão online, eles estão no facebook e eles só expõem garotas" [...] eu comecei a ficar com medo, porque eu pensei: "Oh meu Deus!". Eu não pensei que eles teriam feito isso comigo, mas eu [disse] "Me avise e denuncie, você sabe, né garota?!" [...] Então ela [amiga] atualizou sua página [do Facebook] e ela estava [...] ela deu um suspiro enorme e eu comecei a surtar, porque eu já sabia que ela tinha me visto... Então, é tão louco, estou prestes a chorar [nesse momento a adolescente interrompe a gravação].

Além disso, a edição dos vídeos possibilitou que as adolescentes complementassem os conteúdos que haviam sido relatados durante o processo. Em um dos vídeos, para complementar sua fala a respeito da experiência de ter sido expulsa do time de torcida após suas fotos terem circulado na internet, uma adolescente gravou uma mensagem e a incorporou na versão já publicada do vídeo:

[mensagem gravada] Então, esqueci de dizer isso porque não sou uma pró youtuber [YouTuber profissional], mas sendo expulsa do time de torcida da escola eu não pude tentar por mais de um ano. Então, estragou a alegria da escola para mim [...] tinha também minha equipe de torcida... eles descobriram e isso realmente sugou tudo ao meu redor e eu tive problemas e isso realmente foi uma merda.

Em outro vídeo publicado online, ao relatar as justificativas que seu agressor usou ao divulgar suas imagens íntimas, a própria adolescente incorporou uma mensagem gravada:

Quando eu falei para minha irmã [sobre as imagens íntimas divulgadas] ela mandou uma mensagem pra ele [garoto que expôs]. Ela o chantageou e falou: "Por que você faria isso com a minha irmã?" [...] E ele tentou dizer que eu zombei dos seus amigos [...] Então sim, tudo isso aconteceu porque ele pensou que eu estava tirando sarro deles, mas ninguém estava tirando sarro daquele homem [vídeo interrompido]. Eu esqueci de dizer isso no vídeo, mas estou dizendo que é a desculpa mais idiota que já ouvi [mensagem gravada].

Através da edição, as participantes podem, também, utilizar diversos recursos visuais, gráficos e sonoros para contar suas histórias e se expressar. Comumente nos vídeos, é possível perceber o uso da tela em preto e branco em momentos nos quais as adolescentes erram alguma palavra, fogem do conteúdo do vídeo ou mesmo quando ficam visivelmente emocionadas. Imagens incorporadas ao vídeo também são utilizadas pelas adolescentes durante a edição dos vídeos. Uma das adolescentes, por exemplo, utilizou, em uma parte de seu vídeo, uma imagem com o nome de uma adolescente canadense que se suicidou após ter suas imagens íntimas divulgadas. Músicas de fundo também são utilizadas pelas adolescentes. No início de um dos vídeos, antes do relato da adolescente, uma música foi inserida enquanto frases de adolescentes que tiveram suas fotos íntimas divulgadas de

maneira não consensual apareciam na tela. Os nomes abaixo foram trocados por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das adolescentes:

Eu senti medo, muito medo da minha família extremamente conservadora descobrir. Medo da proporção que isso poderia tomar [Rafaela].

Até amigos antigos vindo falar comigo como se quisessem me ajudar. No final, sempre acabava com um convite pra transar [Clarissa].

Os problemas foram crescendo, eu não tinha mais paz [Luana].

Escolher, através da edição dos vídeos, quais aspectos de suas trajetórias história irão expor ou não publicamente e de que forma esses conteúdos serão expostos ao público coloca as adolescentes como protagonistas e gerenciadores de suas próprias narrativas (Marcilio et al., 2019). Nas pesquisas convencionais, especialmente àquelas que usam uma única entrevista, pesquisadores definem os assuntos que serão abordados e, de certa forma, impedem que os participantes relatem as experiências mais significativas sobre determinados assuntos (Pessoa et al., 2020). Além disso, os participantes não têm liberdade de escolherem recursos adicionais e que os auxiliarão a contarem suas histórias.

1.3.3 Ambiente Seguro e Espontaneidade das Adolescentes

A coleta de dados em pesquisa a partir de vídeos previamente publicados pelos adolescentes possibilita, também, que os próprios participantes definam o ambiente no qual irão gravar seus vídeos e contar sobre suas experiências. Ao contrário das pesquisas tradicionais, onde os pesquisadores determinam o local no qual as informações serão coletadas, nesta modalidade tem-se, mais uma vez, o exercício da autonomia dos

participantes. Durante os vídeos é possível perceber o quanto as adolescentes se sentem confortáveis em dividirem seus espaços com o público que as assiste:

Oi, gente! Estou aqui de novo. Já que eu disse que toda quinta-feira eu iria postar um vídeo... Toda quinta ou sexta, gente... depende do meu horário, porque eu vou pra academia, entendeu? Aí não dá tempo de editar o vídeo. Enfim, meu quarto tá uma bagunça, né?! Vocês ignoram essa parte aqui, porque... Quando não está, né? Não é mesmo? [risos].

E aí, galera! Tudo bom? É... Tô aqui de novo com mais um vídeo normal, que a luz do meu quarto tá normal, que o meu quarto continua sendo o mesmo quarto. A imagem e o som também estão normais. Mentira! Vocês repararam que eu comprei tudo? Eu falei que eu ia investir no canal por vocês e eu fiz, viu? Promessa é dívida! Agora vocês estão me vendo em Full HD [...] não vou passar maquiagem pra postar vídeo, porque eu tenho preguiça mesmo.

Além disso, é possível perceber que ao gravarem seus vídeos em ambientes nos quais têm familiaridade, as adolescentes se sentem seguras e confortáveis. Assim, apesar de abordarem assuntos difíceis de serem comunicados, sentem-se protegidas e, de certa modo, apoiadas. Em um dos vídeos, antes de iniciar o relato sobre como foi ter suas imagens íntimas divulgadas na internet, uma adolescente faz uma observação sobre um cachorro que a acompanha durante a gravação. Em um outro vídeo, a adolescente, visivelmente emocionada, abraça um urso de pelúcia enquanto aconselha suas seguidoras:

Lamento que Cody esteja aqui [se referindo a um cachorro que estava ao lado dela durante o vídeo], mas trazer isso à tona, de novo, agora, é muito difícil, porque realmente mudou muito na minha vida.

Então, o que estou dizendo agora, se você é alguém que sente que quer enviar esse tipo de imagem [íntimas], por favor, tenha cuidado. Por favor, certifique-se de confiar nessa pessoa. Por favor, certifique-se de conversar com eles sobre isso e também [...] talvez não use seu rosto em nenhuma das fotos, sabe? sem rosto, sem história [nesse momento a adolescente abraça um brinquedo] Eu só... É uma história de advertência.

É possível perceber, também, que em muitos vídeos as adolescentes estão fazendo atividades rotineiras enquanto contam suas histórias. Em um deles, uma das adolescentes menciona que está com fome e come durante a gravação:

Vou contar a vocês a história por trás, como eu agi quando... quando aconteceu [quando as imagens foram divulgadas] e como estou agindo agora, certo?! [...] Farei isso enquanto eu estou comendo, mas porque eu estou com fome, mas... ah isso é um grande pedaço [se referindo a comida].

Em um outro vídeo, uma outra garota declara que irá fazer um quadro “3 em 1” no seu canal do *YouTube*, pois enquanto conta sobre sua experiência de ter sido exposta na internet (*storytime*) irá fazer um “arrume-se comigo” (nome conhecido virtualmente para se referir a um quadro no qual as garotas se filmam e postam na internet vídeos enquanto arrumam o cabelo e fazem maquiagens) e irá instalar uma lace em seu cabelo (instalação de peruca):

Olá, estamos fazendo um vídeo de instalação [de lace], além de ser um arrume-se comigo, além de um *storytime* [...] Este é um três em um. Arrume-se comigo, vou arrumar meu cabelo, roupa e maquiagem, porque vou sair hoje à noite e vou dar a vocês, vadias, uma história de como eu fui exposta.

Percebe-se que, por estarem em ambientes confortáveis e seguros, as adolescentes conseguem se comportar de maneira espontânea durante os vídeos, ao ponto de brincarem durante a gravação. Chegam a intercalar os assuntos, que não estão necessariamente relacionados às experiências dolorosas. Além disso, as adolescentes fazem uso de linguagem informal durante a gravação dos vídeos. Em todos os vídeos as participantes utilizam gírias e expressões de seus cotidianos ao relatarem suas histórias. Assim, é

possível perceber o quanto as adolescentes se sentem seguras e têm liberdade para se expressarem da forma como se sentem confortáveis, o que reflete na espontaneidade durante as gravações. Isso talvez não seria possível durante a condução de pesquisas convencionais, uma vez que os participantes podem se sentir inibidos e se comportarem da maneira como imaginam que seja esperado pelos pesquisadores.

Em síntese, os estudos de Duarte e Pessoa (2021) e Muniz (2020) foram relevantes porque evidenciaram que: i) as adolescentes compartilharam suas narrativas da maneira como lhes pareceu mais adequado e conveniente; ii) algumas das adolescentes informaram que essa era a primeira vez que conseguiram abordar o assunto publicamente; iii) o fato de as adolescentes terem a oportunidade de editar os vídeos também é relevante, pois permite que as mesmas reflitam sobre o conteúdo que produziram e compartilhem o que realmente desejam, exercendo o protagonismo; iv) por fim, o fato de gravarem os vídeos em espaços que escolheram e que se sentem confortáveis viabiliza a espontaneidade e autenticidade, requisitos fundamentais nas pesquisas qualitativas. Assim, compreende-se que utilizar materiais e vídeos produzidos e compartilhados por adolescentes em plataformas virtuais pode ser uma estratégia profícua para algumas temáticas, embora as limitações de desafios também devam ser reconhecidas.

1.4 Limitações

Embora tenha sido mostrado que o uso de vídeos produzidos de forma autônoma e postados online por adolescentes em situação de vulnerabilidade é uma valiosa fonte de dados para pesquisa, principalmente sobre temas sensíveis, existem algumas ressalvas e limitações dessa abordagem de pesquisa qualitativa. O uso de dados digitais disponíveis publicamente não é uma solução universal para pesquisas com adolescentes. Primeiro, esse

método de coleta de dados não colabora com os participantes para explorar e compreender a experiência do fenômeno, nem seu impacto sobre os participantes. Em vez disso, depende inteiramente do que os participantes escolheram postar, sem a oportunidade de perguntas de acompanhamento ou exploração aprofundada.

Em segundo lugar, existem limitações relacionadas ao uso da própria plataforma de vídeo. Os recursos disponíveis para localizar e filtrar os vídeos não são sofisticados. Informações sobre o histórico dos adolescentes (como dados sociodemográficos e datas) também são difíceis de encontrar. Além disso, a veracidade dos dados pode se tornar questionável uma vez que, na plataforma, o número de visualizações, curtidas e comentários nos vídeos influenciam a monetização do canal, o que pode dar margem para o surgimento de *clickbait*s, vídeos sensacionalistas e até mesmo a existência de relatos falsos.

Além disso, embora a internet tenha alcançado muitos grupos em todo o mundo, especialmente adolescentes e jovens, o acesso às tecnologias digitais e à internet está longe de ser universal. Há um déficit no acesso de populações que vivenciam condições de extrema pobreza, incluindo falta de *smartphones*, conectividade precária à internet e falta de energia elétrica. Isso pode, inadvertidamente, excluir uma parte dos adolescentes que só podem ser alcançados pessoalmente.

Por fim, embora tenha sido argumentado que a utilização de dados produzidos pelos próprios adolescentes defende seu protagonismo e gera informações que podem não ser facilmente acessadas por meio de entrevistas tradicionais, também deve ser reconhecido que os relatos das adolescentes foram analisados sem seu consentimento e participação ativa. Embora isso seja legal e eticamente justificado pelo fato de os dados serem de domínio público, pode-se argumentar que uma vez que o pesquisador assume os dados, eles se tornam um objeto do pesquisador, enquanto o criador do vídeo e dos textos

associados perde o controle dos dados. Desse modo, a ética de fazer pesquisas em dados online publicamente disponíveis precisa, portanto, de uma consideração cuidadosa (Townsend & Wallace, 2017).

1.5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar as limitações na coleta de dados com adolescentes, especialmente em investigações que envolvem temas delicados, bem como apresentar uma possibilidade de pesquisa que envolve a coleta de dados disponibilizados autonomamente pelos adolescentes em plataformas digitais. Inicialmente, foram apresentadas as limitações que podem surgir durante a etapa de coleta de dados com adolescentes, que podem se sentir inibidos ou mesmo não compreenderem completamente no que consiste suas participações nas pesquisas. Também foi ilustrado como as pesquisas com esta população se baseiam numa lógica adultocêntrica, tornando-os meros informantes e coadjuvantes na produção do conhecimento. Complementarmente, foram apresentados alguns estudos que robustecem os argumentos de que a utilização de conteúdos produzidos e publicados em plataformas digitais pelos próprios adolescentes se constitui como uma estratégia profícua e promissora. Para destacar as potencialidades de investigações deste porte, na última seção do artigo foram apresentadas duas pesquisas conduzidas com adolescentes residentes do Brasil e residentes nos Estados Unidos e que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de forma não consensual.

Embora existam várias limitações e ressalvas para esta abordagem de pesquisa, verificou-se que a plataforma de vídeo online foi importante por três motivos principais. Primeiro, permitiu que os adolescentes compartilhassem suas histórias de uma maneira que lhes parecesse mais adequada e conveniente. Alguns adolescentes relataram que era a

primeira vez que poderiam abordar esse assunto publicamente. Os adolescentes foram capazes de exercer o arbítrio ao contar as partes da história que eram importantes para eles. Nesse sentido, apesar da falta de investigações aprofundadas, sugere-se que esses espaços podem ser protetores e talvez até terapêuticos.

O fato de as adolescentes terem a oportunidade de editar os vídeos também é relevante, pois permite que as mesmas reflitam sobre o conteúdo que produziram e compartilhem o que realmente desejarem, exercendo o protagonismo. Por meio da narrativa intencional, elas exercem autonomia e protagonismo. Isso foi particularmente importante nos exemplos apresentados aqui, que envolveram meninas com fotos e vídeos compartilhados online sem seu consentimento.

Ainda, o fato de gravarem os vídeos em espaços que escolheram e que se sentem confortáveis, viabiliza a espontaneidade e autenticidade, requisitos fundamentais nas pesquisas qualitativas. Outras vantagens, embora não tenham sido debatidas de forma pormenorizada neste artigo, também são notáveis em pesquisas com esse recorte, como o baixo custo e a otimização do cronograma de execução da pesquisa.

Sem dúvidas, pesquisas cuja coleta de dados ocorre em plataformas digitais possuem limitações e se aplicam apenas a algumas condições. Embora não possibilite a captura de experiências subjetivas e sociais de todos os adolescentes em todos os contextos e seus métodos e ética exijam um exame mais aprofundado, é uma abordagem de pesquisa promissora que pode ser útil em uma série de estudos com adolescentes.

Referências

- Afonso, T., Silva, S. S. D. C., Pontes, F. A. R., & Koller, S. H. (2015). O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia & Sociedade*, 27, 131-141. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p131>
- Amorim, K. P. C. (2019). Ética em pesquisa no sistema CEP-CONEP brasileiro: reflexões necessárias. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 1033-1040. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.35292016>
- Araújo, E. T. H., Almeida, C. A. P. L., Vaz, J. R., Magalhães, E. J. L., Alcantara, C. H. L., & Lago, E. C. (2019). Use of social networks for data collection in scientific productions in the health area: integrative literature review. *Aquichan*, 19(2). <https://doi.org/10.5294/aqui.2019.19.2.4>
- Assumpção, C de P., Nínive da S., Velarde, L G. C., Nascimento, O. J. M., & Olej, B. (2016). Compreensão do termo de consentimento em pesquisa clínica. *Revista Bioética*, 24(1), 184-194. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422016241120>
- Attademo, G., & Maccaro, A. (2022). Research ethics in the social sciences. In G. Punziano & A. D. Paoli (Orgs). *Handbook of research on advanced research methodologies for a digital society* (pp. 54-64). IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-8473-6>
- Baams, L., Jonas, K. J., Utz, S., Bos, H. M., & Van der Vuurst, L. (2011). Internet use and online social support among same sex attracted individuals of different ages. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1820-1827. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.04.002>

- Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., Valkenburg, P. M., & Livingstone, S. (2014). Does country context matter? Investigating the predictors of teen sexting across Europe. *Computers in human Behavior*, *34*, 157-164. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.041>
- Bouso, R. S., Ramos, D., Frizzo, H. C. F., Santos, M. R. D., & Bouso, F. (2014). Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia Usp*, *25*, 172-179. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130022>
- International Telecommunication Union (ITU) (2021) Measuring Digital Development: Facts and Figures 2021. International Telecommunication Union (ITU). <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2021.pdf>
- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019a). Sexting na adolescência: percepções dos pais. *Ciências Psicológicas*, *13*(1), 19-31. <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1806>
- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019b). Sexting: Percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *19*(3), 665-685. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46909>
- Cooper, K., Quayle, E., Jonsson, L., & Svedin, C. G. (2016). Adolescents and self-taken sexual images: A review of the literature. *Computers in Human Behavior*, *55*, 706-716. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.10.003>
- Coscioni, V., Dias, A. C. G., Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2017). Autonomia e voluntariedade na pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa de internação. *Revista da SPAGESP*, *18*(2), 74-85. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6272470.pdf>
- de Souza, M. P., da Costa, H. M. C., Barretto, J. D. O. P., de Amorim, S. I. F., Moura, E. D. S. F., & da Silva, F. L. D. (2021). O impacto da homossexualidade e da homofobia na adolescência. *Revista de psicologia*, *15*(58), 444-461. <https://doi.org/10.14295/online.v15i58.3338>

- Duarte, G. M., & Pessoa, A. S. G. (2021). Psychological and social impacts of intimate images disclosure during the adolescence: A multiple case study. [Manuscript in preparation].
- Englander, E., & McCoy, M. (2018). Sexting: Prevalence, age, sex, and outcomes. *JAMA Pediatrics*, 172(4), 317-318. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2017.5682>
- Fernandes, N. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 21, 759-779. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>
- Gámez-Guadix, M., de Santisteban, P., & Resett, S. (2017). Sexting among Spanish adolescents: Prevalence and personality profiles. *Psicothema*, 29(1), 29-34. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.222>
- Gonçalves, V. C., & Almeida, M. N. D. (2018). A exposição pública não consentida da intimidade sexual: entre a tipificação e a culpabilização da vítima. *Revista de Criminologias e Políticas*, 4(2), 119-137. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204635/001109674.pdf>
- Kehl, M. (2016). Ética e investigação científica: do exórdio ao desenvolvimento aplicado na pesquisa com crianças. *Cadernos UniFOA*, 11(32), 47-54. <https://doi.org/10.47385/cadunifoa.v11.n32.453>
- Klettke, B., Hallford, D. J., & Mellor, D. J. (2014). Sexting prevalence and correlates: A systematic literature review. *Clinical Psychology Review*, 34(1), 44-53. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.10.007>
- Lemos, P. B. S., & de Aquino, F. J. A. (2021). O conceito de risco nas resoluções brasileiras que regulamentam a revisão ética da pesquisa envolvendo seres humanos. *Research, Society and Development*, 10(7), e23110715917-e23110715917. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.15917>

- Levinson, J. A., Greenfield, P. M., & Signorelli, J. C. (2020). A qualitative analysis of adolescent responses to YouTube videos portraying sexual and gender minority experiences: Belonging, community, and information seeking. *Frontiers in Human Dynamics*, 2, 11. <https://doi.org/10.3389/fhumd.2020.598886>
- Liebenberg, L., Jamal, A., & Ikeda, J. (2020). Extending youth voices in a participatory thematic analysis approach. *International Journal of Qualitative Methods*, 19, 1609406920934614. <https://doi.org/10.1177%2F1609406920934614>
- Liebenberg, L., Wall, D., Wood, M., & Hutt-MacLeod, D. (2019). Spaces & places: Understanding sense of belonging and cultural engagement among indigenous youth. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1609406919840547. <https://doi.org/10.1177%2F1609406919840547>
- Lordello, S. R., Silveira, I. D. D., Paludo, S. D. S., & Souza, L. (2021). Sexting in Covid-19 times: Should we care? *Estudos de Psicologia (Natal)*, 26(2), 197-206. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20210019>
- Manoel, D. F. (2020). A divulgação de conteúdos íntimos e os impactos nos processos de educação escolar: um estudo de caso na perspectiva histórico-cultural. Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1291>
- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. G. (2020). Sexting e adolescência: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 37-50. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7322113.pdf>
- Marcilio, F. C. P., Thoman, S., Coscioni, V., & Koller, S. H. (2019). Protagonismo juvenil no contexto da medida socioeducativa: um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 69-81. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7155476.pdf>

- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Not-allowed sharing of sexts and dating violence from the perpetrator's perspective: The moderation role of sexism. *Computers in Human Behavior*, 56, 163-169.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.11.047>
- Neiva-Silva, L., Lisboa, C., & Koller, S. H. (2005). Bioética na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de risco: Dilemas sobre o consentimento e a confidencialidade. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 17(3), 201-206.
<http://cpa.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/303/2018/01/r17-3-2005-bioetica-na-pesquisa.pdf>
- Nolan, S., Hendricks, J., Ferguson, S., & Towell, A. (2017). Social networking site (SNS) use by adolescent mothers: Can social support and social capital be enhanced by online social networks? A structured review of the literature. *Midwifery*, 48, 24-31.
<https://doi.org/10.1016/j.midw.2017.03.002>
- Oliveira, V. H. N. (2021). Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 5(14), 93-101.
<https://doi.org/10.5281/zenodo.4513773%20>
- Patrocino, L. B., & Bevilacqua, P. D. (2021). Divulgação não autorizada de imagem íntima: danos à saúde das mulheres e produção de cuidados. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25, e210031. <https://doi.org/10.1590/interface.210031>
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., & Koller, S. H. (2017). Desafios éticos na pesquisa com adolescentes envolvidos no tráfico de Drogas. *Revista da SPAGESP*, 18(2), 100-114.
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6272472.pdf>

- Pessoa, A. S. G., & Scorsolini-Comin, F. S. (2020). Pesquisas com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social no Brasil: debates inacabados e novos dilemas. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 1-5. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7322110.pdf>
- Pessoa, A. S. G., Harper, E., Santos, I. S., & Gracino, M. C. S. (2019). Using reflexive interviewing to foster deep understanding of research participants' perspectives. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-9. <https://doi.org/10.1177/1609406918825026>
- Phelps-Ward, R. J., & Laura, C. T. (2016). Talking back in cyberspace: Self-love, hair care, and counter narratives in Black adolescent girls' YouTube vlogs. *Gender and Education*, 28(6), 807-820. <https://doi.org/10.1080/09540253.2016.1221888>
- Ruiz, J. P., Neris, N., & Valente, M. G. (2017). Revenge porn como violência de gênero: perspectivas internacionais. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11. http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503434623_ARQUIVO_FazendoGenero_Revengeporncomovienciadegenerofinal.pdf
- Salvador, P. T. C. D. O., Alves, K. Y. A., & Rodrigues, C. C. F. M. (2020). Online data collection strategies used in qualitative research of the health field: A scoping review. *Revista Gaúcha de enfermagem*, 41, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297>
- Santana, J. P., Raffaelli, M., Koller, S. H., & de Moraes, N. A. (2018). “Você me encontram em qualquer lugar”: realizando pesquisa longitudinal com adolescentes em situação de rua. *Psico*, 49(1), 31-42. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/25802/pdf>
- Santos, L. K. D. P. D., Santana, C. D. C., & Souza, M. V. O. D. (2020). Ações para o fortalecimento da resiliência em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3933-3943. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.22312018>

- Sarmiento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 9-34.
<https://iehost.net/pdf/encruzilhadas.pdf>
- Tam, N. T., Huy, N. T., Thoa, I., Long, N. P., Trang, N. T., Hirayama, K., & Karbwang, J. (2015). Participants' understanding of informed consent in clinical trials over three decades: systematic review and meta-analysis. *Bulletin of the World Health Organization*, 93(3), 186–98. <https://doi.org/10.2471/BLT.14.141390>
- Thomas, M. F., Binder, A., & Matthes, J. (2021). Sexting during social isolation: Predicting sexting-related privacy management during the COVID-19 pandemic. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 15(3).
<https://doi.org/10.5817/CP2021-3-3>
- Townsend, L., & Wallace, C. (2017). The ethics of using social media data in research: A new framework. In K. Woodfield (Ed.), *The ethics of online research* (Vol. 2, pp. 189-207). Emerald Publishing Limited.
- United Nations International Children's Emergency Fund (UNICEF) (2019). Caretas: Adolescentes e o risco de vazamento de imagens íntimas na Internet.
https://www.unicef.org/brazil/media/1671/file/Adolescentes_e_o_risco_de_vazamento_de_imagens_intimas_na_internet.pdf
- Vermeulen, A., Vandebosch, H., & Heirman, W. (2018). #Smiling, #venting, or both? Adolescents' social sharing of emotions on social media. *Computers in Human Behavior*, 84, 211-219.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.022>
- Wallström, R., Lindgren, E., & Gabrielsson, S. (2021). 'Don't abandon me': Young people's experiences of child and adolescent psychiatric inpatient care supporting recovery

described in blogs. *International Journal of Mental Health Nursing*, 30(1), 117-125.

<https://doi.org/10.1111/inm.12787>

Zappe, J. G., & Dell’Aglío, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: Risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99-110.

<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>

Zappe, J. G., Santos, C. R. D., Ferrão, I. D. S., & Dias, A. C. G. (2013). Vulnerabilidade e autonomia na pesquisa com adolescentes privados de Liberdade. *Psicologia: ciência e profissão*, 33, 234-247. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100018>

2.0 Artigo 2 - Sexting e Divulgação Não Consensual de Imagens Íntimas na Adolescência: Processos de Resiliência e Protagonismo Juvenil

Resumo

O objetivo deste artigo foi analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. A pesquisa foi de natureza qualitativa, exploratória-descritiva e conduzida a partir de um estudo de casos múltiplos. A coleta de dados ocorreu a partir dos relatos das adolescentes a partir de vídeos produzidos e publicados espontaneamente por elas próprias em uma plataforma virtual. A partir da definição dos critérios de inclusão e exclusão, foram analisados 16 vídeos, sendo 7 de adolescentes residentes no Brasil e 9 de adolescentes residentes nos Estados Unidos. A técnica analítica empregada foi a Análise Temática. Os resultados revelaram que as famílias, os pares e as interações virtuais ocupam um espaço ambíguo na vida das adolescentes, pois para algumas delas estas pessoas e contextos foram protetivos e para outras intensificaram os fatores de risco decorrentes da exposição das imagens íntimas. Os dados também permitiram identificar expressões da resiliência nas adolescentes, que mostraram-se fortalecidas e, de certa forma, terem superado os efeitos negativos associados à divulgação de suas imagens. Além disso, o estudo evidenciou que as adolescentes produziram vídeos para ajudar outras adolescentes e propuseram estratégias para a redução de danos, o que também está relacionado com processos de resiliência e protagonismo juvenil. São apresentadas as limitações do estudo e também fornecidas indicações para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Sexting; Imagens Íntimas; Divulgação; Adolescentes; Violência; Resiliência; Estudo qualitativo.

2.1 Introdução

A sexualidade humana é uma dimensão da vida fortemente influenciada por questões culturais, ou seja, as condições sociais e históricas exercem influência sobre a forma como a sexualidade se expressa (Ozan et al., 2019). Desta forma, pode-se afirmar que práticas e comportamentos sexuais se alteraram substancialmente no decorrer do tempo, acompanhando as mudanças decorrentes do próprio modo de vida e da sociedade (Ziliotto & Marcolan, 2020). Assim, a sexualidade não é um fenômeno imutável, mas deriva-se de um processo contínuo e está submetida a transformações.

Com o advento da tecnologia, por exemplo, aparelhos digitais, como computadores, *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos eletrônicos, passaram a servir como ferramentas mediadoras das relações sociais e, conseqüentemente, da sexualidade (Cardoso et al., 2019a; Salvador et al., 2020). Entre estas ferramentas está a prática do *sexting*. A expressão deriva da junção de *sex* (sexo) e *texting* (envio de mensagem de texto) e diz respeito a comportamentos que envolvem a troca de mensagens, imagens ou vídeos com conteúdo sexual por intermédio de equipamentos eletrônicos e redes sociais (Cardoso et al., 2019b; Souza & Lordello, 2020). Uma revisão sistemática de literatura realizada por Englander (2018) mostrou que esta é uma prática que tem aumentado consideravelmente o número de adeptos, o que evidencia a necessidade de investigações acerca das motivações para o engajamento, as dinâmicas sociais, os benefícios relatados e, sem dúvidas, os fatores de riscos e proteção associados.

Embora o *sexting* não seja praticado apenas por adolescentes, uma revisão integrativa de literatura mostrou que os estudos a respeito do fenômeno são realizados, majoritariamente, com este público (Souza & Lordello, 2020). Isso se dá, por um lado, devido a adolescência ser considerada a etapa do ciclo vital em que adolescentes de diversas culturas iniciam a vida sexual (Ruiz et al., 2017). Complementarmente, adolescentes têm mais acesso a tecnologias que viabilizam a prática do *sexting*, como uso de celulares e *tablets* e, ainda, acesso mais frequente à internet e redes sociais (Cardoso et al., 2019; Manoel, 2020). Desse modo, como forma de exploração da própria sexualidade, muitos adolescentes se envolvem em práticas correspondentes ao *sexting* (Cardoso et al., 2019).

Souza e Lordello (2020), em uma revisão integrativa de literatura, destacaram alguns dos motivos que levam adolescentes a trocarem imagens íntimas. As autoras destacaram a pressão de parceiros ou pares, troca de fotos entre amigos em grupos de redes sociais, ser considerado modismo entre adolescentes, busca por popularidade, e, por fim, destacaram a influência de filmes que os adolescentes assistiam. Manoel et al. (2020) pontuaram que o *sexting*, isoladamente, não se constitui como um fator de risco na vida dos adolescentes, pois trata-se de uma expressão contemporânea da sexualidade humana, que passou a ser mediada pelas tecnologias e pela internet. No entanto, Souza e Lordello (2020) mencionaram que muitos estudos da área associam o *sexting* à uma prática perigosa e, exclusivamente, a comportamentos de risco.

Essas concepções, moralistas e reducionistas, podem contribuir para uma estigmatização do *sexting* e das pessoas que o praticam, tornando os comportamentos de enviar e receber mensagens e imagens íntimas como condutas que representam apenas malefícios a seus adeptos. Contudo, conforme evidenciado nas pesquisas de Klettke et al.

(2014) e Woolard (2011), existem casais que reportaram ganhos na relação ao praticarem *sexting*, incluindo aumento na frequência das relações sexuais, incremento nas estratégias de sedução, melhoria da auto estima, realização de fantasia sexuais, entre outros.

No contexto nacional, alguns estudiosos têm desenvolvido pesquisas que visam compreender e discutir o fenômeno do *sexting* em diferentes espaços e grupos sociais. O estudo de Cardoso et al. (2019a), realizado em uma escola pública localizada no estado do Rio Grande do Sul, teve como objetivo conhecer, por intermédio da condução de grupos focais, a percepção de pais de adolescentes sobre o *sexting*. Um dado interessante que apareceu nos resultados foi que a maior preocupação dos pais não era com o envolvimento dos filhos adolescentes com o *sexting*, mas a possibilidade de exposição pública e as repercussões negativas que poderiam ocorrer na vida dos filhos.

A exposição pública supramencionada diz respeito à divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual. Este fenômeno tem se manifestado globalmente e, por isso, diversos países, como Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido, Alemanha, França, África do Sul, Porto Rico, Uganda, Uruguai, Quênia e o próprio Brasil, têm se mobilizado para desenvolver estratégias de enfrentamento ao problema (Ruiz et al., 2017). Estas medidas têm se dado, principalmente, no âmbito legislativo, com a criação de leis que visam punir os autores das divulgações indevidas e até mesmo as pessoas que compartilham e/ou armazenam os materiais (Gonçalves & Almeida, 2018; Ruiz et al., 2017).

O tema se torna ainda mais complexo na medida em que se compreende que, de acordo com a legislação de vários países, inclusive o Brasil (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), a produção, compartilhamento e armazenamento de imagens íntimas ou qualquer conteúdo que exponha crianças e adolescentes a situações vexatórias, com

conotação sexual, implica na responsabilização por crime sexual, mais especificamente de exploração sexual de crianças e adolescentes. Assim, embora não exista legislação acerca da prática do *sexting*, a divulgação de imagens íntimas de adolescentes configura um crime.

Diferentemente da prática do *sexting*, a divulgação de imagens íntimas constitui-se como um fator de risco na vida dos adolescentes. Fatores de risco referem-se a condições psicológicas, ambientais ou sociais, que, quando presentes na vida de uma pessoa, aumentam as chances de uma consequência ou desfecho negativo (Pessoa & Coimbra, 2020). No caso do compartilhamento de imagens íntimas de maneira não consensual, as consequências negativas, de acordo com a literatura, podem ser desadaptação social, baixa autoestima, isolamento social, dificuldades de sociabilidade, quadros psicopatológicos, ideação suicida, rompimento com vínculos institucionais, ser vítima de *bullying* ou *cyberbullying*, entre outros (Brenick et al., 2016; Dias et al., 2018; Manoel, 2018).

As consequências supracitadas são observadas especialmente em pessoas do gênero feminino (Castro et al., 2018; Gonçalves & Almeida, 2018; Morelli et al., 2016). Isto ocorre devido ao machismo e ao patriarcado, que são condições macroestruturais que colocam mulheres em condição de subalternidade em termos das vivências sexuais (Ruiz et al., 2017). As mulheres que têm suas imagens íntimas divulgadas são submetidas a campanhas difamatórias persistentes (*slut-shaming*) e rotuladas socialmente como promíscuas (Gonçalves & Almeida, 2018). Por outro lado, apontou Hasinoff (2017), homens que têm suas imagens íntimas expostas são valorizados socialmente por seu desempenho sexual. Desta forma, nota-se que a divulgação não consensual de imagens íntimas está fortemente atrelada a questões de gênero (Souza & Lordello, 2020).

É importante salientar que as repercussões e os impactos na saúde mental de adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas sem o consentimento podem ser

distintas, pois dependem de fatores históricos, culturais e outras variáveis atreladas, direta ou indiretamente, ao contexto de vida das adolescentes (Lordello et al., 2019). O despreparo de profissionais que atuam diretamente com as vítimas, por exemplo, pode se configurar como um fator de risco potente, pois pode levar à revitimização e ao agravamento das consequências psicológicas e sociais decorrentes da exposição (Stoco & Bach, 2018).

Nesse sentido, entende-se que é de suma importância que os fatores de proteção das vítimas sejam analisados e compreendidos. Contrariamente à definição de fatores de risco, os fatores de proteção referem-se a variáveis que potencializam o desenvolvimento humano e podem minimizar (e até mesmo evitar) a ocorrência de desfechos negativos (Komatsu & Bazon, 2018; Schenker & Minayo, 2005). De acordo com Manoel et al. (2020), a disposição de uma rede de apoio afetiva e social na vida de adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas se constitui como um fator de proteção e tende a minimizar os impactos subjetivos e sociais da violência que foram expostas.

Para Schenker e Minayo (2005), os fatores de proteção influenciam diretamente os processos de resiliência. Ungar et al. (2013) definiram a resiliência como a capacidade psicológica de lidar com os infortúnios e adversidades que as pessoas se deparam ao longo do ciclo vital. Trata-se de dinâmicas intrapsíquicas complexas, que não ocorrem por intermédio de estruturas biológicas, internas e intrínsecas às pessoas, mas estão relacionado à disposição de recursos sociais e comunitários (Pessoa et al., 2017), bem como com a presença de pessoas significativas, que auxiliam na manutenção de bem estar subjetivo e saúde mental, apesar da exposição a adversidades (fatores de risco) (Ungar et al., 2008; Ungar et al., 2013).

Assim sendo, levanta-se como hipótese nesta investigação que os processos de resiliência de adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual estão fortemente relacionados à disposição de recursos protetivos que as auxiliam a enfrentar os malefícios e adversidades decorrentes dessa forma de violência. Em contrapartida, adolescentes que se sentem desamparadas, que não dispõem de redes de apoio afetiva e social, que são reiteradamente culpabilizadas, entre outras condições, tendem a apresentar desfechos desenvolvimentais mais comprometedores, sobretudo em relação aos indicadores de saúde mental.

Considerando a discussão supracitada, entende-se como de suma importância que pesquisadores do campo da psicologia e áreas correlatas conduzam investigações acerca do fenômeno da divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual. Trata-se de um tema ainda pouco explorado, sobretudo no contexto nacional, apesar de levantamentos prévios indicarem alta prevalência entre os adolescentes brasileiros (SaferNet, 2016). Sem dúvidas, é extremamente relevante que sejam conduzidos estudos a respeito das repercussões da divulgação nas vidas das vítimas, mas também é primordial que sejam direcionados esforços para a compreensão dos mecanismos sociais e psicológicos que estão associados aos processos de resiliência das vítimas.

Com base nestas prerrogativas, definiu-se como objetivo deste artigo analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual.

2.2 Método

2.2.1 Delineamento

O presente artigo refere-se a um estudo qualitativo, exploratório-descritivo e conduzido a partir de um estudo de casos múltiplos.

2.2.2 Córpus de Análise e Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram analisados relatos de adolescentes do gênero feminino e que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. Para tanto, foram coletados relatos das adolescentes, produzidos e publicados espontaneamente por elas próprias, em formato de vídeos publicados na plataforma *Youtube* (www.youtube.com), escolhida por se tratar da mais popular mundialmente. A coleta se deu em 2 idiomas diferentes (inglês e o português) e foi realizada a partir da ferramenta de buscas da própria plataforma. Foram escolhidos relatos de adolescentes apenas do gênero feminino em razão destas serem vítimas dessa violência com maior frequência (Castro et al, 2018).

Por não possuir mecanismos de buscas sofisticados e que permita um refinamento do levantamento (como ocorre em bases de dados de revistas científicas, por exemplo) as buscas, nos dois idiomas, foram realizadas mais de uma vez e com diferentes descritores, a fim de abranger diversos vídeos sobre o tema. Além disso, os pesquisadores utilizaram um recurso adicional da própria plataforma para localizar vídeos adicionais, recorrendo a sugestões de vídeos similares. Ainda em termos das buscas, foi utilizada a ferramenta “Local”, disponível no ícone “Sobre” da plataforma, para verificar o país de residência das autoras dos vídeos e não foi delimitado um recorte temporal.

Nas buscas em inglês foram utilizados, inicialmente, os descritores “*Nudes*” e “*Leaked*”, de forma independente. No entanto, a maior parte dos vídeos encontrados referiam-se a histórias de pessoas famosas que tiveram suas imagens íntimas divulgadas. Desse modo, uma nova busca foi realizada, utilizando os descritores “*Nude*” e “*Leak*”, o

que possibilitou a localização de alguns vídeos com o autorrelato de adolescentes que tiveram suas imagens íntimas vazadas. Nesta nova busca foi possível perceber que boa parte dos vídeos incluíam em seu título a expressão “*Storytime*”, o que motivou uma nova busca com esse descritor, bem como com o descritor “*Revenge Porn*” “*sexual images leak*”. Em relação às buscas em português, os descritores utilizados no campo de busca foram: “*nudes*” e “*vazar*”; “*nudes*” e “*vazamento*”; “*nudes*” e “*vazaram*”. Além destes, termos como “*fotos íntimas*”, “*pornografia da vingança*”, “*ameaça*”, “*aconteceu comigo*” e “*relato*” também foram utilizados de forma combinada.

Os critérios de inclusão dos vídeos, em ambos idiomas, foram: 1) relatos de casos de divulgação ou ameaça de divulgação de imagens íntimas de adolescentes do gênero feminino; 2) adolescentes residentes no Brasil ou Estados Unidos no momento da divulgação; 3) a divulgação necessariamente deveria ter ocorrido de maneira não consentida; 4) vídeos que haviam sido publicados espontaneamente no YouTube pelas próprias adolescentes. Os critérios de exclusão dos vídeos englobaram: 1) vídeos produzidos por mulheres adultas que tiveram suas imagens íntimas divulgadas; 2) cujo o país de origem das adolescentes na ferramenta “Local” da plataforma YouTube não era identificado; 3) vídeos de adolescentes que não residiam no Brasil ou Estados Unidos; 4) vídeos postados por pessoas públicas ou famosas que tiveram suas imagens íntimas divulgadas.

Portanto, a seleção de vídeos publicados por adolescentes residentes no Brasil e nos Estados Unidos ocorreu de maneira não-probabilística e por conveniência. Os vídeos de adolescentes residentes no Brasil foram incluídos por se tratarem de postagens do país de origem da pesquisadora e seu orientador, o que facilitaria a análise em função do idioma, mas também para contribuir com a produção do conhecimento que ainda é incipiente no

contexto nacional. Já os critérios de inclusão de adolescentes residentes nos Estados Unidos se deram pelo fato da mestrandia e seu orientador terem o inglês como a segunda língua, bem como por ser o país com maior número de usuários da plataforma YouTube no mundo. Um levantamento anual da *Pew Reserach Center* (2018) mostrou que cerca de 94% de jovens, entre 18 e 24 anos, são usuários desta plataforma no país.

Concomitante às buscas, os vídeos foram assistidos na íntegra e, caso atendessem aos critérios de inclusão, eram selecionados para compor o *corpus* de análise. No total, foram selecionados 15 vídeos, sendo 9 deles com relatos de adolescentes residentes nos Estados Unidos e 6 vídeos relatos de adolescentes residentes no Brasil. Em um dos vídeos postado por adolescentes residentes no Brasil, havia o relato de duas adolescentes. Desse modo, a análise consistiu em 9 relatos de adolescentes residentes nos Estados Unidos e 7 de adolescentes residentes no Brasil.

A média de duração do tempo dos vídeos de adolescentes residentes no Brasil foi de 11 minutos, tendo 7 minutos e 46 segundos o vídeo mais curto e 15 minutos e 52 segundos o vídeo mais longo. A média de tempo dos vídeos de adolescentes residentes nos Estados Unidos foi de 15 minutos, tendo 5 minutos e 55 segundos o vídeo mais curto e 29 minutos e 19 segundos o vídeo mais longo. O tempo total dos vídeos analisados foi de 206 minutos e 24 segundos.

2.2.3 *Análise de Dados*

Após os procedimentos descritos acima, as falas das adolescentes nos vídeos foram transcritas integralmente. Além disso, as transcrições em língua inglesa foram traduzidas para o idioma português, a fim de viabilizar a análise de dados.

O processo de análise de dados consistiu em analisar, qualitativamente, as falas das autoras dos vídeos por meio da Análise Temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Esta técnica consiste em identificar, analisar, interpretar e descrever padrões em conteúdos derivados de pesquisas qualitativas. A análise temática possibilita maior flexibilidade, imersão e profundo engajamento com os dados, sendo comumente utilizada em pesquisas com agendas sociais. A Análise Temática envolve movimentos constantes entre os conteúdos codificados e a análise que está em elaboração (Souza, 2019). Foram seguidas rigorosamente as etapas da Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006), que consistiram em seis fases: 1) Familiarização com os dados; 2) Elaboração de códigos iniciais; 3) Identificação de temas; 4) Reavaliação dos temas; 5) Definição e nomeação dos temas; e, por fim, 6) Produção do relato científico da análise. A partir do processo analítico descrito, foram identificados 9 temas. Contudo, para o presente artigo serão apresentados os resultados e discussão de apenas 3, avaliadas pelos pesquisadores como mais pertinentes e adequadas para responder ao objetivo do estudo.

2.3 Resultados e Discussão

A partir das análises dos dados, 3 temas centrais foram elaborados: (i) Interfaces entre risco e proteção; (ii) *'Isso me tornou quem eu sou'*: Processos de Resiliência vivenciados pelas adolescentes; (iii) *'Sem rosto, sem história'*: Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos. As seções subsequentes apresentam, de forma resumida, os principais achados de cada temática e respectivas sub-temáticas, bem como destacam excertos e a discussão dos dados com a literatura da área. Os trechos das transcrições selecionados são representados por códigos, sendo [V1 BR] = Vídeo Número 1

/ Adolescente residente no Brasil, [V1 EUA] = Vídeo Número 1 / Adolescente residente nos Estados Unidos, e assim sucessivamente.

2.3.1 Interfaces entre Risco e Proteção para as Adolescentes

Embora neste estudo os pesquisadores tenham se concentrado em analisar os fatores de proteção das adolescentes que tiveram as imagens íntimas divulgadas acessaram e sua relação com os processos de resiliência, esta temática revelou um papel ambíguo de alguns contextos e pessoas, sobretudo nos relacionamentos com os familiares, entre pares e nas interações dos contextos virtuais. Através dos relatos das adolescentes, ficou evidente o quanto um mesmo grupo ou contexto social pode ocupar um espaço protetivo em algumas situações, mas também se constituir como figuras hostis e que agravaram os efeitos adversos decorrentes da divulgação não consensual das imagens íntimas. Dada a extensão dos dados que compuseram essa temática, os resultados foram sistematizados em torno de 3 sub-temáticas.

2.3.1.1 Contexto Familiar

O papel das famílias, incluindo as reações e atitudes que tomaram, pareceu dual e distinto. Um grupo de adolescentes citaram os familiares como pessoas protetivas, pois sentiram ter recebido suporte e apoio emocional. Já para outro grupo, os familiares pareceram não saber lidar com a situação e adotaram atitudes que reverberaram negativamente nas adolescentes, que não se sentiram acolhidas e protegidas.

Em relação aos aspectos protetivos nas relações familiares, foi possível perceber que algumas adolescentes encontraram nos familiares um ponto de apoio e conforto diante da exposição, sobretudo quando estes se mostraram solidários e acolhedores. Nos relatos,

quando os familiares agiram de maneira protetiva, as adolescentes pareceram ter menos receio de se comunicarem e pedirem ajuda. É possível perceber, através dos excertos apresentados na Tabela 1, o impacto positivo que isso trouxe para as adolescentes, que utilizaram este apoio como um recurso para o enfrentamento da situação. Além disso, as adolescentes expressaram gratidão a estes familiares, que as acolheram em vez de julgarem.

Em contrapartida, algumas famílias, tanto para as adolescentes residentes no Brasil quanto residentes nos Estados Unidos, não tiveram atitudes protetoras, especialmente quando descobriram que as imagens das adolescentes estavam circulando nas redes sociais. Os resultados evidenciaram a falta de apoio dos familiares, o uso de punição contra as adolescentes e até mesmo situações de hostilidade e violência foram empregadas. Notou-se, ainda, que as reações negativas foram tanto das mães, quanto dos pais, mas também foram citadas atitudes e falta de suporte de outros familiares. A descoberta da situação de exposição parece se caracterizar como um período crítico nas relações entre as vítimas e os familiares. Outro aspecto frequentemente presente nos relatos das vítimas é o receio que as adolescentes mostraram em ter em contar aos familiares sobre a situação de exposição, seja por vergonha ou por medo de represálias.

Tabela 1

Interface entre risco e proteção no contexto familiar	
Citação	
	<p>“Essa foto chegou na minha mãe e eu estava na escola. Ela me ligou e brigou comigo. Falou que acabou pra ela também [...] Quando eu cheguei em casa, a minha mãe falou um monte pra mim. Tipo, eu não tive o apoio dela. Não sei se ela se arrepende de não ter me apoiado. Ela ficou arrasada também. Acho que o que doeu mais foi o que ela falou pra mim.” [V2 BR].</p>
	<p>“Quando aconteceu, fiquei com tanta vergonha de mim mesma que nem contei aos meus pais [...] Fiquei tão envergonhada que nem consegui dizer a eles. [...] Eu não era próxima dos meus pais naquela época e eu estava apenas passando por isso sozinha” [V3 EUA]</p>
Não Protetiva	<p>“É muito complicado pros seus pais te entenderem, “porque que você fez isso? Minha filha tá fazendo essas sacanagem aí”. [...] Uma parte da minha família se afastou de mim, o que eu achei muito errado e egoísta e totalmente desnecessário [...] fui taxada de todas as coisas que uma pessoa pode ser taxada.” [V3 BR]</p>
	<p>“Eu não podia contar para minha mãe porque é como se ela fosse uma pessoa difícil de conversar quando você quer falar sobre as coisas. E quando eu disse a ela... isso me quebrou porque ela não queria que fosse assim, ela não queria” [V6 EUA].</p>
	<p>“A reação da minha mãe não foi muito legal. Ela ficou meio surpresa, ela ficou tipo “filha? Oi? Não, tu não fez isso, né?”. [...] O meu pai, ele já ficou tipo “aham, aham”, e tacou um foda-se. Eu senti que ele ficou chateado.” [V6 BR].</p>
	<p>“Meu pai acabou descobrindo e eu fiquei de castigo para o meu telefone, o que não foi tão ruim e ele acabou superando. Ele estava meio que mais triste por mim do que bravo. É como se fosse decepcionante e como ele descobriu foi da pior maneira. Esse cara foi mostrar a foto e ele ficou tipo “oh meu Deus, essa é minha filha”. [V8 EUA].</p>
	<p>“Eu disse ao meu pai e eu estava chorando no telefone e ele disse “bem, desde que você não esteja morrendo e desde que você não esteja grávida, você sabe que está tudo bem” [...] ele realmente me fez sentir melhor sobre a situação, porque ele não estava me criticando. Eu estava chorando e conversando com ele e ele estava apenas me dizendo coisas normais, tipo “eu aposto que você não vai fazer isso de novo” [V2 EUA].</p>
	<p>“Graças a Deus eu tenho uma família tão solidária e um sistema de apoio tão grande. Eu tenho tantas pessoas na minha vida que se preocupam comigo e que querem me ver bem e que querem me apoiar.” [V4 EUA].</p>
Protetiva	<p>“Quando a minha mãe ficou sabendo da foto eu estava num período muito mal. Não conseguia frequentar a escola. Eu estava me sentindo muito exposta. Ela falou assim pra mim: “filha, por favor, para de pânico, você precisa tratar a situação como uma coisa real, que tá acontecendo e ver uma forma de solucionar isso” [...] Eu tinha muito apoio da minha família inteira, da minha mãe [...] Ela foi uma pessoa que eu pensei que fosse brigar por causa disso e que falou pra mim: “você tá linda na foto. Se não fosse tão errado eu postaria ela na internet”. Então foi o que me motivou”. [V4 BR].</p>
	<p>“E aí eu falei: “mãe, não dá mais para ficar nessa cidade. Eu tô muito triste de estar aqui, eu não me sinto bem aqui, eu não tô feliz aqui”. E meus pais sempre falam que a minha única obrigação é ser feliz, independente de como. Eles vão fazer o que for preciso para me ver feliz.” [V5 BR].</p>

Assis et al. (2006) pontuaram que bons vínculos familiares são fatores de proteção significativos na vida de adolescentes. No entanto, o estudo de Silva et al. (2015) apontou que vínculos familiares podem constituir-se, simultaneamente, como fatores de risco e

proteção na vida dos adolescentes, especialmente aqueles em condição de vulnerabilidade social. Os resultados da presente pesquisa robustecem as considerações da pesquisa supracitada, uma vez que os familiares das adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de maneira não consentida parecem ocupar um espaço ambíguo na vida das adolescentes, principalmente quando tomam conhecimento de que as imagens estão circulando em redes sociais.

A falta de suporte familiar pode agravar a condição de adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas, visto que o período logo após a exposição pode ser a fase em que as adolescentes estão mais fragilizadas e, por isso, necessitam da ajuda mais consistente de uma rede de apoio fortalecida (Feitosa, 2020). Ximenes et al. (2020) pontuaram que a família é um contexto de proteção importante para assegurar apoio emocional. O distanciamento das adolescentes em relação à família e a baixa percepção de suporte social pode fazer com que elas passem pela situação da exposição sozinhas, maximizando os impactos da situação na vida das vítimas (Manoel et al., 2020; Vermeulen et al., 2018).

Assim, levanta-se como hipótese que as adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas e que têm mais suporte familiar são, concomitantemente, àquelas que poderão desenvolver recursos de enfrentamento mais satisfatórios e demonstrar processos de resiliência (Zavala & Briceño, 2020). Na mesma direção, Manoel et al. (2020) afirmaram que ter acesso a uma rede protetiva, incluindo as famílias, após uma situação de exposição de imagens íntimas de maneira não consensual reduz as chances do desenvolvimento de problemas desadaptativos.

Esses achados também sugerem que a fragilidade dos laços familiares antes da exposição das imagens íntimas das adolescentes é uma variável importante a ser

considerada em estudos futuros. Há, ainda, a necessidade de que as famílias tenham acesso a resultados de pesquisa desse porte para que tenham clareza de que seus posicionamentos e atitudes podem fazer a diferença na vida das adolescentes, seja para intensificar as condições de vulnerabilidade decorrentes da exposição das imagens íntimas ou para promoção de resiliência.

2.3.1.2 Relações entre Pares

Nesta sub-temática, percebeu-se que as relações entre as adolescentes e seus pares também são permeadas por dualidades. Os amigos, colegas de classe e namorados apareceram nas falas das adolescentes como pessoas que, de alguma forma, causaram ou contribuíram para a divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual. Também foram responsáveis por episódios de ridicularização, isolamento e até mesmo violência contra as adolescentes.

Outro dado constatado através das falas das adolescentes foi o afastamento de alguns amigos e a exposição das adolescentes a situações constrangedoras e vexatórias, principalmente no ambiente escolar. As adolescentes relataram também momentos em que elas foram julgadas, xingadas e assediadas pelos colegas de escola. A prática do *slut-shaming* também é algo fortemente presente nas falas das vítimas.

Para maior parte das adolescentes, ficou evidente que os agressores, ou seja, a pessoa responsável pela divulgação de imagens íntimas, estavam na mesma faixa etária das vítimas e eram pessoas do convívio social das mesmas. Na maioria dos casos os agressores eram namorados ou pessoas em que a vítima mantinha um relacionamento amoroso, mas também houve relatos em que amigas e amigos foram os responsáveis pela divulgação das imagens.

No entanto, os pares também apareceram como pessoas protetivas, na qual as adolescentes puderam encontrar acolhimento e obter apoio para superar a situação da exposição. Com relação aos fatores de proteção associados aos pares, as adolescentes relataram situações em que elas foram protegidas e defendidas por colegas quando vivenciavam situações de vitimização e *bullying*. Além disso, elas também citaram as relações com amigos como um recurso importante para o enfrentamento das adversidades e para não romperem com vínculos sociais, como ir à escola ou a eventos esportivos. As adolescentes também mencionaram que, logo após a situação de exposição, receberam apoio dos pares através de mensagens com conteúdo encorajador.

A Tabela 2 apresenta algumas falas das adolescentes que ilustram o papel ambíguo ocupado pelos pares:

Tabela 2

Interface entre risco e proteção nas relações entre pares

Citação

“A gente conversava tanto. Ele [agressor] era assim super amigo meu, mesmo. E depois dessa que ele me ameaçou, tinha vezes que ele chegava e falava “ai, jamais eu vou fazer isso” pra ver se eu enviava. [Eu Confiava nele e enviava.” [V1 BR].

“Então essas fotos começaram a circular entre as pessoas da minha escola e entraram no meu grupo de amigos e onde eu pensei que teria algum apoio e alguma simpatia, recebi um ombro frio e mais slut shaming. Todos os meus amigos, aqueles com quem eu conversei sobre isso, não foram gentis comigo, basicamente a resposta deles foi "por que você enviou essas fotos? ele não devia ter essa foto em primeiro lugar e ainda mais sendo consentida." Eu realmente pensei que teria um pouco mais de apoio nesse aspecto, em vez disso, eles eram como “hmm, você é uma vadia” [V3 EUA].

Não Protetiva

“Mas a primeira vez que eu entrei na escola todo mundo ficou tipo “meu Deus, é a menina do nude”. E cara, sensação nojenta. Parecia que eu queria me matar na hora. Essa era a vontade, sabe? E não pelas fotos, mas pelo tratamento que a galera faz depois que acontece isso [...] Não era muito legal estar na escola, porque todo mundo ainda olhava torto. Eu lembro que estava andando por aí, um garoto me abordou e falou “ah, eu vi seus peitos! Posso ver de novo?” [...] Isso aconteceu umas três vezes no colégio.” [V4 BR].

“No dia seguinte na escola foi apenas o pior dia, mas foi realmente o pior dia, porque eu tinha pessoas realmente [...] ousadas vindo até mim falando "você é um lixo", "você é uma puta" "você foi exposta" [V6 EUA].

“Por que você faria isso com sua amiga? Por que você seria tão nojenta e sorrateira e conivente que vai enviar minhas fotos nuas para colocá-las em algum lugar?” [V9 EUA].

“E tinha esse, cara. [...] Ele ficou do meu lado enquanto eu não sabia o que estava acontecendo. Ele xingou a namorada dele, xingou as pessoas da classe e ficou tipo “idiota pra caralho” [sobre a situação de rirem dos nudes dela] ele estava xingando, você sabe o que quero dizer e eu fiquei tipo, chocada porque uau, você realmente me defendeu e nem me conhecia” [V2 EUA].

Protetiva

“Deus colocou na minha vida as minhas amigas, a Clara e a Aline [nomes fictícios], que foram dois anjos da guarda na minha vida, na minha sala de aula, porque acho que se não fosse elas eu estaria bem mal agora [...]. Se não fossem elas, eu não sei o que teria sido desse primeiro semestre do ano pra mim. Porque elas me apoiavam muito, elas me davam muita força e elas meio que foram o motivo de me fazer levantar todo dia de manhã para poder ir pra escola. Então eu só tenho a agradecer a elas.” [V5 BR].

“Me lembro quando eu finalmente voltei ao Facebook, provavelmente foi alguns dias depois, todo mundo estava apenas me escrevendo e eram coisas como "oh meu Deus, eu sinto muito que isso tenha acontecido com você, se você precisar de alguma coisa, é só me ligar" então eu tive muito apoio de muitas mulheres que estudavam comigo, o que foi legal [...] Eu estava passando por isso e treinando com o time e todo o mundo ficou tipo "oh meu deus. Eu sinto muito que isso tenha acontecido com você, mas você é tão forte e tão corajosa, porque você realmente voltou para a escola” [V5 EUA].

“Então eu fui para a escola e [...] havia algumas garotas que ainda saíam comigo, elas ainda estavam afim de serem minhas amigas e outras coisas, então obrigada.” [V8 EUA]

Esta pesquisa revelou que os autores de crimes de divulgação não consensual de imagens íntimas são, em sua maioria, os pares, especialmente ex-namorados e amigos, o que está em consonância com outras pesquisas conduzidas na área (Aleixo & Bastos, 2016;

Patrocino & Bevilacqua, 2021; Sousa, 2017). Isso significa que os pares podem se constituir como fatores de proteção para a divulgação de imagens íntimas, mas também suas atitudes e reações podem agravar os efeitos na vida de adolescentes que foram vitimadas. Feitosa (2020) sugere que programas de prevenção e acolhimento sejam implementados em diferentes contextos institucionais, de forma a reduzir os indicadores de exposição indevida de imagens íntimas. Estes programas podem, também, servir como forma de criação de ambientes acolhedores, protetores e mais seguros para as vítimas.

Os relatos das adolescentes reforçaram os achados da literatura acerca dos impactos negativos nos relacionamentos interpessoais das adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas (Patrocino, 2022), mas também chamaram atenção para o processo constante de humilhação que passam por meio de campanhas difamatórias implementadas pelos pares. Uma pesquisa realizada por Sousa (2017) mostrou que a exposição das adolescentes ao *slut-shaming* e outros tipos de violências relacionadas a divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual podem trazer impactos psicológicos e sociais na vida das vítimas, com repercussões nítidas nos relacionamentos entre pares (o que foi bastante similar aos relatos das adolescentes que participaram do presente estudo).

O apoio dos pares é de extrema importância na vida das adolescentes que vivenciam adversidades (Rosário et al, 2017). De acordo com Alcantra et al. (2019), as relações entre pares podem funcionar como uma importante rede protetiva, principalmente no contexto escolar, exercendo influência positiva até mesmo nas taxas de sucesso escolar (ver também Martins & Proença, 2019). No caso das adolescentes desta pesquisa, houve relatos sobre o desejo de se desvincular das escolas e até mesmo mudar de cidade, o que já havia sido discutido por Feitosa (2020) como um dos efeitos da divulgação de imagens íntimas. Por outro lado, as adolescentes que tiveram o apoio de pares pareceram mais encorajadas e

motivadas para lidar com as adversidades, o que convida a comunidade científica para implementar estudos futuros, sobretudo voltados a propostas de desenvolvimento e avaliação da eficácia de programas direcionados para a qualificação das relações entre pares na adolescência.

2.3.1.3 Contexto Virtual

No presente estudo, todos os relatos apontaram o contexto virtual como o meio onde as imagens foram expostas e circularam, o que o torna um fator de risco, especialmente quando adolescentes não possuem um repertório para a navegação segura. Apesar disso, as plataformas digitais e redes sociais também apareceram como um recurso que as adolescentes dispuseram para acessar fatores protetivos e uma rede de apoio, o que evidencia, mais uma vez, a interface entre risco e proteção desse contexto. A Tabela 3 traz algumas falas que evidenciam esses aspectos.

As adolescentes pontuaram, também, as redes sociais como um espaço em que elas são constantemente vítimas de assédio, inclusive de homens adultos e, muitas vezes, desconhecidos que, de alguma forma, têm acesso às fotos e enviam mensagens com conteúdo sexual às adolescentes. Há, inclusive, a menção de assédio por parte de professores e treinadores através das redes sociais, sendo que eles relataram ter recebido as fotos das adolescentes por outras fontes.

Apesar dos riscos e malefícios que as adolescentes estão expostas, bem como os contínuos episódios de assédio que recebem mesmo depois de transcorrido um tempo da divulgação das imagens, o contexto virtual foi descrito por algumas adolescentes como uma importante ferramenta para o enfrentamento da situação. Isto porque, de acordo com os relatos analisados, nas redes sociais elas puderam encontrar uma rede de apoio. Elas

mencionaram que muitas pessoas utilizaram as redes sociais para mandar mensagens encorajadoras e de suporte frente à situação de exposição. Algumas adolescentes pontuaram, inclusive, as redes sociais como o único local em que elas sentiram que tiveram algum tipo de acolhimento.

Tabela 3

Interface entre risco e proteção no contexto virtual

Citação	
Não Protetiva	<p>“Lembro-me de pessoas tweetando para mim, me dizendo coisas como "todos esses alunos estavam olhando para seus nudes" e "você é uma puta" "você é uma vaca" "você é uma vadia” e sinto muito pela minha linguagem, mas... E então aquele efeito cascata, tipo, pessoas me dizendo para me matar e queimar no inferno e todas as coisas horríveis que você poderia dizer sobre alguém.” [V1 EUA].</p> <p>“Quando eu entro [no facebook], tem tipo, umas quinhentas pessoas me chamando de puta, de vagabunda, me xingando” [V2 BR]</p> <p>“Em 2014, eclodiu uma rede social chamada “Secrets” [...] e tinha várias meninas que [tinham] fotos íntimas expostas no aplicativo. E como eram postados em anônimos, não tinha o nome de quem postou. Não tinha como a pessoa ser punida.” [V4 BR].</p> <p>“O cara que eu achava que era meu amigo acabou mudando sua foto de perfil inteira para meus nudes. Todo mundo naquele aplicativo sabia disso. Eu estava com vergonha. Basicamente, da esquerda à direita fui vaiada naquele aplicativo e não pude mostrar meu rosto lá sem ser assediada. Foi realmente uma coisa horrível para mim, porque [...] eu não era muito boa em fazer amigos pessoalmente, então ter essa comunidade online de pessoas com quem eu podia conversar era algo que eu realmente valorizava.” [V3 EUA].</p> <p>“Eu recebia mensagens no Facebook de homens aleatórios, homens adultos, que eu nunca conheci, um ano depois, dois anos depois, três anos depois, quatro anos depois, cinco anos depois com aquelas fotos minhas [...] dizendo "é você?" De alguma forma, essas fotos estão fluuando na internet e as pessoas têm uma conexão de alguma forma para chegar ao Facebook e tentaram entrar em contato comigo sobre isso e falarem isso para mim.” [V3 EUA].</p>
Protetiva	<p>“Mas fiquei tão chocada com a forma como no facebook as pessoas reagiram, eles não estavam me criticando. Eu tive mais pessoas que mostraram que se importam e eu digo “obrigado a todos que fizeram isso”. Pessoas que me escreveram parágrafos, pessoas que postaram para mim, eu te agradeço muito, porque você me ajudou nesse tempo e eu sou grata por ter sido assim” [V2 EUA].</p> <p>“Não foi tão ruim para mim. As pessoas não me crucificaram. Uma nota positiva é que na internet as pessoas não estavam me atacando, elas estavam atacando ele. Achei que eles viriam atrás de mim e tudo mais, mas não. Na realidade, as pessoas apenas me deram elogios. Algumas garotas que me deram elogios eu não vi. Estranho ou qualquer coisa, é que elas estavam tentando me reconstruir de certa forma. Tem um monte de meninas que me mandaram mensagem e até hoje eu lembro quem são todas [...] Eu lembro de coisas assim, uns garotos que eram muito encorajadores. Eu nunca esqueceria isso`. [V2 EUA].</p> <p>“Foi uma época muito horrível da minha vida [...] Toda a vez que eu ia pra escola eu não via a hora de chegar em casa e poder abrir o meu Twitter pra poder conversar [...]. Poder abrir minhas redes sociais pra poder ver que não era todo mundo que me odiava. Tinha gente que gostava de mim também”. [V5 BR].</p> <p>“Me lembro quando eu finalmente voltei ao Facebook, provavelmente foi alguns dias depois, todo mundo estava apenas me escrevendo e eram coisas como "oh meu Deus, eu sinto muito que isso tenha acontecido com você, se você precisar de alguma coisa, é só me ligar" então eu tive muito apoio de muitas mulheres que estudavam comigo, o que foi legal” [V5 EUA].</p>

Assim como pontua Porto e Richter (2015), esta investigação revelou que é no contexto virtual que as adolescentes têm suas imagens expostas. De acordo com as adolescentes, ocorre uma troca constante de imagens íntimas e é neste espaço que elas mais vivenciaram situações de violência, *slut-shaming* e *cyberbullying*, principalmente logo após a situação de exposição. Cabe salientar, ainda, que algumas adolescentes expuseram que depois de anos as pessoas ainda as procuram nos ambientes virtuais para assediá-las, comentar sobre suas imagens e propor atividades sexuais. Sousa (2021) afirmou que depois que as imagens de adolescentes com nudez são colocadas na internet é pouco provável que elas sejam retiradas definitivamente, pois a circulação desses conteúdos é intensa e muito veloz.

Nesse sentido, é importante que sejam implementadas ações que possam alertar as adolescentes sobre os riscos que correm quando produzem e compartilham material com esse teor (Cardoso et al., 2019a). Igualmente relevante são as ações direcionadas para todas as populações, incluindo os adolescentes do gênero masculino. Não deve ser responsabilidade exclusivamente das adolescentes a manipulação de conteúdos que foram compartilhados em ambientes virtuais privados. Essa compreensão pode, inclusive, transparecer que a responsabilidade pela violência que sofreu é da própria vítima (Gonçalves & Almeida, 2018).

Ofender e constranger pessoas através das redes sociais têm sido um fenômeno constante com o advento da tecnologia (Gonçalves et al., 2018). Além disso, boa parte das violências que acontecem no ambiente virtual são viabilizadas por ferramentas da plataforma que permitem anonimidade e, conseqüentemente, uma difícil identificação dos responsáveis (Oliveira & Almeida, 2022). Desta forma, as adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual, muitas vezes, desistem de realizar

as denúncias ou contar para alguém de sua rede de apoio, pois há a sensação de impunidade em função da dificuldade de localização e responsabilização dos agressores (Martins et al., 2020).

É importante mencionar que no Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, armazenar material com conteúdo sexual de menores de idade se configura como crime (Brasil, 1990). A partir da lei 12.965/2014, conhecida como Marco Civil da Internet, também pode-se penalizar autores de crimes de ofensa e difamação que ocorreram no contexto virtual (Brasil, 2014).

Por outro lado, assim como na pesquisa de Levinson et al. (2020), realizada com adolescentes de minorias sexuais e de gênero, este estudo revelou que as plataformas digitais podem se constituir como importante rede protetiva e espaço de troca na vida das adolescentes. É fundamental que sejam organizadas campanhas de conscientização de adolescentes, familiares e profissionais que atuam diretamente com essas populações sobre a importância de se utilizar os ambientes virtuais de modo seguro, respeitoso e dialógico. Os comentários direcionados às adolescentes, sejam os que elas receberam em espaços privados ou aqueles que foram feitos nos vídeos em que elas postaram relatando a violência que sofreram também podem se tornar um material para pesquisas futuras.

Em síntese, esta temática apontou que o contexto familiar, as relações entre pares e o contexto virtual ocuparam espaços distintos e ambíguos na vida das adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. Em alguns casos, constituíram-se como um fator de risco na vida das vítimas, maximizando o impacto da divulgação não consensual de imagens íntimas. Para outras adolescentes, estes contextos e pessoas foram protetivos e mitigaram os impactos da divulgação inadvertida desses conteúdos. Outras abordagens investigativas, tanto qualitativa quanto quantitativa, podem

complementar os achados dessa investigação e trazer à tona fatores de risco e proteção que não foram detectados com as estratégias metodológicas empregadas neste artigo.

2.3.2 “*Isso me tornou quem eu sou*”: Processos de Resiliência das Adolescentes

Esta temática revelou que, apesar das adolescentes relatarem sofrimentos advindos da divulgação de suas imagens íntimas, elas tiveram acesso a recursos que possibilitaram elaborar a situação e, inclusive, aprender com estes episódios de suas vidas. As falas nesta direção indicaram, de certo modo, superação das adversidades decorrentes da exposição e, portanto, se associam a processos de resiliência vivenciados pelas adolescentes.

Os processos de resiliência foram identificados principalmente a partir de 4 aspectos: 1) quando as adolescentes mencionaram que as adversidades enfrentadas pela exposição das imagens íntimas as tornou mais fortes; 2) quando decidiram, de forma voluntária, produzir e publicar online um vídeo em que elas contam, com suas próprias palavras, o que aconteceu e como se sentiram; 3) por relatarem não sentir mais culpa, remorso ou vergonha; 4) por interpretarem que o envio de imagens íntimas foi um erro que elas cometeram, mas que a partir desse fato elas se tornaram quem são.

Um recurso apontado com frequência na fala das adolescentes foi encarar a situação como algo cômico, recorrendo a piadas e brincadeiras. Além disso, outros dois aspectos que se mostraram relevantes formas de lidar com ocorrido: o tempo e possuírem espaços para falar a respeito. De acordo com as adolescentes, o tempo é um importante aliado na superação da situação, isto porque à medida que o tempo passa o assunto deixa de ser comentado e/ou elas passam a aprender lidar melhor com as situações. As adolescentes mencionam, também, que à medida que o tempo transcorre, elas se sentem mais confortáveis em falar sobre e isso, o que possibilita enfrentar as adversidades com mais

naturalidade e se apropriarem das situações. Algumas adolescentes também mencionaram o acesso à terapia como um espaço importante para falar sobre a situação e como um importante aliado para a superação. Como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 4

'Isso me tornou quem eu sou': Processos de Resiliência vivenciados pelas adolescentes

Citação

<p>Processos de Resiliência</p>	<p>“Crescendo eu fiz um monte de coisas estúpidas e estúpidas, sem desculpas para elas, mas eu passei por muita coisa e isso me tornou quem eu sou. As pessoas são humanas, cometemos erros como esse. Você vive, aprende, isso muda você como pessoa. Você pode aceitar como está e destruí-lo ou deixá-lo moldar. Independentemente de eu ser quem eu sou e você pode gostar de mim ou não. Eu realmente não me importo.” [V1 EUA].</p> <p>“Foi bem pesado pra mim passar por tudo isso. Mas assim, eu não tenho rancor e eu não tenho raiva [...] Eu aprendi a lidar, eu não ligo, eu tiro sarro de mim mesma. [...] você tem que entrar na zoeira porque se você se deixar atingir, você vai só se machucar.” [V3 BR]</p> <p>“[...] agora que eu cresci e eu olho para trás no meu erro ou qualquer outra coisa, eu mudaria o que fiz? Não, porque isso me fez quem eu sou hoje. Você vai ter que passar por coisas ruins, que te fazem como pessoa e isso me fez mais forte. Eu poderia dizer mais forte, mais confiante. Quando aconteceu, eu não estava olhando para isso” [V2 EUA].</p> <p>“Eu tive que começar a fazer terapia, e a terapia ajudou bastante para que eu me recompusesse, para que eu continuasse indo pra escola normalmente, sem muito sofrimento [...] Eu não tenho vergonha de falar disso, porque faz parte da minha história e também é um marco importante pra gente ver meio que a evolução.” [V4 BR].</p> <p>“Eu sou capaz de falar sobre isso agora e eu sou capaz de falar sobre isso meio que de ânimo leve, mas como eu disse, por um longo tempo eu estava severamente afetada por isso e foi ruim, foi ruim. Tipo, eu me automutilava. Foi ruim, assim como muitas coisas diferentes pelas quais passei depois disso, mas sou abençoada por estar aqui agora e estou feliz por poder ter a história para compartilhar com vocês.” [V3 EUA].</p> <p>“Eu me deparei com pessoas maravilhosas e eu vi que realmente não tem que generalizar quando uma pessoa faz uma coisa ruim com você. Se uma pessoa está com você por interesse, todas também vão estar. Não é assim. Eu vim estudar e morar em G. [Cidade nova]. Minha vida tá muito melhor. Muito melhor” [V5 BR].</p> <p>“Demorei um pouco para chegar ao ponto em que estou hoje, onde sinto que consegui processar tudo o que aconteceu. Eu me sinto forte o suficiente e madura o suficiente para falar sobre isso e não ficar envergonhada, por não me esconder, não jogar para debaixo do tapete, para abordar isto e ter um diálogo aberto sobre um tópico que normalmente é realmente tabu e muito pessoal [...] Para citar, todo o fato de meus nudes terem vazado não me define, não define ninguém em que isso aconteceu. E para pensar: A pior coisa que aconteceu com você, em sua vida, é tudo o que você tem a oferecer? não, em última análise, eu só quero que vocês saibam que isso está acontecendo comigo é algo que eu uso para seguir em frente na vida.” [V4 EUA].</p> <p>“Na verdade eu acho que quando eu fui exposta isso realmente me ajudou a ser assim, você sabe disso, eu não me importo com o que você pensa sobre mim, eu não me importo com o que você diz sobre mim” [V8 EUA].</p>
--	--

Santos et al. (2020) mencionou que os processos de resiliência estão ligados a aprender com as adversidades e não se deixar abater pelos episódios de sofrimento. Trata-se de crescer diante das lutas cotidianas e torna-se mais forte psicologicamente. Várias adolescentes verbalizaram que puderam ressignificar a violência que sofreram, de modo que a exposição das imagens íntimas já não as impactava da mesma forma quando descobriram que suas imagens íntimas estavam circulando nas redes sociais.

De acordo com Francisco e Coimbra (2019), se emancipar e tomar consciência da própria história está intimamente relacionado aos processos de resiliência em adolescentes, pois a partir disso estes podem seguir em frente. A produção de vídeos produzidos autonomamente para que as adolescentes pudessem contar as suas próprias narrativas também merece destaque. Feitosa (2020) afirmou que ter espaços para compartilhar as experiências de sofrimento é um fator de proteção importante para adolescentes que tiveram suas imagens íntimas expostas de maneira não consensual. Na mesma direção, Ramos (2011) relatou que ter espaços para que possam expressar seus sentimentos é terapêutico para adolescentes expostos a eventos adversos significativos. Estes fatores protetivos se constituem como de extrema importância para a promoção de processos de resiliência na vida das vítimas.

A resiliência também está associada, no caso de adolescentes vítimas de violência sexual, à capacidade de reconhecimento de que não tiveram culpa pelo ocorrido e não sentirem remorso (Martín; 2021). É fundamental que as adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas tenham acesso a espaços terapêuticos e pessoas que possam auxiliá-las a compreender suas condições de vítimas (Feitosa, 2020), bem como contribuam na consolidação de estratégias eficazes para lidar com os infortúnios gerados. Similarmente, o

sentimento de vergonha, frequente nas adolescentes que tiveram as imagens íntimas divulgadas, deve ser dissipado, pois esse sentimento está frequentemente associado ao desenvolvimento de sintomas e quadros psicopatológicos em pessoas vítimas de violência sexual (Feitosa, 2020).

Outros aspectos mencionados pelas adolescentes e que estão associados à resiliência também já foram apontadas na literatura. Alves et al. (2019), por exemplo, investigou fatores psíquicos e comportamentais em pessoas que superaram adversidades e identificou que o humor aparece como uma dimensão da vida humana e que colabora na superação dos infortúnios. Para Medeiros et al. (2019), o reconhecimento de que o tempo e a paciência são capazes de auxiliar na resolutividade de problemas cotidianos, incluindo aqueles mais profundos e desafiadores, também contribui para a ressignificação das situações adversas, aspecto essencial aos seres humanos que estão lidando com desafios e problemas de diferentes amplitudes.

Cabe salientar que, como exposto na introdução deste artigo, os processos de resiliência não ocorrem de forma espontânea. Para Manoel et al. (2020), o acesso a espaços e pessoas protetivas é requisito indispensável para os processos de resiliência das adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas. De acordo com Amparo et al. (2008), o acesso a uma rede de proteção possibilita uma melhor autoestima, autoeficácia e minimização dos fatores de risco, aspectos que possibilitam lidar melhor com o fenômeno da exposição de imagens íntimas. Nesse sentido, este estudo revelou que mesmo após o período de sofrimento psíquico intenso das adolescentes, que incluiu relatos de automutilação e de ideação ao suicídio, a partir do acesso a recursos protetivos disponíveis em seus contextos as adolescentes puderam aprender com a situação e superá-la, o que promoveu os processos de resiliência.

2.3.3 *'Sem rosto, sem história'*: Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos

Neste tema foi possível identificar ações que se associam ao protagonismo juvenil e recomendações para estratégias de redução de danos. Os vídeos por elas realizados não são apenas uma forma de contar suas próprias histórias, mas também há um propósito coletivo. As adolescentes explicitaram que um dos objetivos dos vídeos era alcançar outras adolescentes e ajudá-las a não passar pelos mesmos problemas que elas. Dessa forma, foram comuns falas com recomendações a respeito do envio de imagens íntimas e a prática do sexting (ver Tabela 5).

Tabela 5

‘Sem rosto, sem história’: Protagonismo e Recomendações para Redução de Danos

Citação	
	<p>“E eu realmente só tô gravando esse vídeo porque eu sei que hoje em dia tem pessoas que passam por isso e eu quero entregar essa mensagem pra quem passa por isso não passar mais. Porque eu acho que se eu tivesse visto um vídeo assim desses no YouTube eu tenho certeza que eu não teria feito o que eu fiz.” [V1 BR].</p> <p>“Eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo e que eu acho que... Pode ser que esse vídeo ajude muitas meninas que estão passando por isso, sabe? E que vão passar e que estão procurando ajuda e tudo mais [...] E é isso que eu queria fazer hoje nesse vídeo. Contar essa história e ajudar as pessoas que estão passando por isso.” [V3 BR].</p> <p>“Tem tanta menina por aí que passa por isso e não tem com quem conversar, não tem a quem recorrer, não tem ponto de referência. Para quem já passou por isso, não tenha vergonha de fazer isso, de fazer um vídeo e colocar tudo pra fora e lavar sua própria roupa suja, porque todo mundo tem e é isso que eu quero ser. É isso que eu quero que esse canal seja [...] Eu possuo minha vida, possuo minhas decisões e esta é a mensagem que eu realmente quero passar.” [V4 EUA].</p> <p>“Se algum de vocês foi exposto, por favor não tenha medo de compartilhar comigo. Se você quiser pode me dizer em particular ou se você quiser colocar abaixo, sinta-se à vontade, sou uma pessoa muito aberta, então você sabe que você poderia ser aberta comigo. Eu superei isso, eu posso ajudá-la a superar isso, eu posso guiá-la para isso. Se vocês estão pensando em algum pensamento suicida ou qualquer coisa, por favor fale comigo. Como eu disse, não é tão sério. Eu prometo a você, a tempestade vai passar, não é tão sério.” [V8 EUA].</p>
<p>Protagonismo</p> <p>Recomendações para redução de danos</p>	<p>“Se você tá fazendo isso porque você está se sentindo pressionada, para de fazer isso. Não se sinta pressionada. Espera dar um tempinho, fala que não vai mandar. Espera dar um tempinho, excluí essa pessoa de todas as redes sociais, bloqueia, faz que nem eu fiz e some, gente. Some da vida dessa pessoa. E se por acaso ele espalhar, você ameaça ele, fala que você vai fazer boletim [de ocorrência] contra ele” [V1 BR].</p> <p>“Se você é alguém que sente que quer enviar esse tipo de imagem, por favor, tenha cuidado [...]. Por favor, certifique-se de conversar com ele sobre isso e também, tipo, talvez não use seu rosto em nenhuma das fotos, sabe? sem rosto, sem história. Sim. É uma história de advertência. [...] Se você estiver fazendo coisas sexuais com um ex ou com um com um namorado e ele quiser sacar o telefone e filmar, eu não o deixaria fazer isso.” [V3 EUA].</p> <p>“Se você está passando por isso, se você precisa de ajuda, se aconteceu esse vazamento com você a primeira coisa a se fazer: fala com o teu pai, com a tua mãe [...]. E você tem que ser forte. Se você está passando por isso, saiba que o único remédio que tem é o tempo. Depois de um tempo a tua fama de nudes vai diminuir. Sempre vai surgir uma piadinha. Por mais que passe um, dois, três anos, vai surgir alguém e vai falar das suas fotos. E é isso. É uma coisa que você vai ter que aprender a lidar consigo mesma.” [V3 BR].</p> <p>“Conselhos que eu poderia dar a vocês, quer dizer, se vocês estão pensando em mandar a algum garoto qualquer foto, não façam [...] não importa com quanto tempo estejam juntos, apenas não envie.” [V6 EUA].</p> <p>“Então toda a história, desse storytime é envie nudes, seja feliz com seu corpo. Apenas certifique-se de não ter piercings ou qualquer coisa para ser reconhecida, ou tatuagens e nunca coloque o rosto.” [V7 EUA].</p>

Além dos processos de resiliência, discutidos na temática anterior, um outro tema que surgiu na análise de dados foi o protagonismo juvenil. De acordo com Libório e Ungar (2014), o protagonismo juvenil diz respeito aos adolescentes se tornarem agentes principais

do seu processo desenvolvimental, agindo de forma a modificar seus contextos e fazer valer os seus direitos. Sendo assim, no caso de adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas sem o consentimento, o protagonismo juvenil se materializa em ações, práticas e discursos liderados e proferidos por adolescentes em prol da ruptura de situações opressivas que atingem adolescentes do gênero feminino após as situações de exposição.

Como mencionado anteriormente, ajudar outras meninas, principalmente aquelas que também foram vítimas da divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual, aparece como um objetivo central nos vídeos das adolescentes. Elas oferecem, o tempo todo, apoio e suporte a outras adolescentes, pois acreditam que outras meninas estão passando por situações similares. De acordo com Marcilio et al. (2019), o protagonismo se estabelece a partir do exercício da autonomia e de ações, promovidas por adolescentes e jovens, que são capazes de mudar realidades. Complementarmente, Libório e Ungar (2014) apontaram que ideias de bem comum e coletividade são aspectos importantes e inerentes ao protagonismo juvenil. Desse modo, quando as adolescentes reivindicam seus direitos e buscam proteção para outras meninas, há o exercício da autonomia e do protagonismo. Essas posturas críticas e a busca por mudanças em estruturas sociais mais amplas também foram apontadas por Libório e Ungar (2014) como uma expressão de resiliência.

Um outro ponto central nos vídeos das adolescentes são as recomendações que elas dão para outras meninas. O objetivo central, de acordo com seus relatos, é evitar ou minimizar os impactos da divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual. Percebe-se que a recomendação que mais aparece na fala das adolescentes é a de não enviar imagens íntimas. Em seguida, uma recomendação que também apareceu com frequência é a de que caso alguma adolescente sinta vontade de enviar imagens íntimas, o faça tomando algumas medidas de precauções. Sugerem, entre outras coisas, que evitem expor imagens

que identifiquem atributos ou características pessoais e do ambiente que possam identificar as adolescentes, como por exemplo, não mostrar o rosto, ocultar tatuagens e piercing ou mesmo alterar o fundo da foto.

Para Gonçalves e Almeida (2018), recomendações como estas devem ser problematizadas e relativizadas. Isso porque, afirmam as autoras, tais indicações podem redirecionar a responsabilidade apenas às mulheres, como ocorre, por exemplo, com os discursos e práticas sociais que defendem que abusos sexuais de mulheres podem ser evitados dependendo da roupa que usam ou dos locais e horários que transitam nas ruas. Em outras palavras, Gonçalves e Almeida (2018) compreendem que tais recomendações tiram o foco dos agressores e responsabilizam as vítimas. Todavia, ao reconhecer que a prática do sexting faz parte da cultura juvenil e que episódios de divulgação não consensual de imagens íntimas têm sido frequentes, entende-se que recomendações de redução de danos, tanto realizadas pelas adolescentes quanto pela literatura especializada, são importantes e podem minimizar o sofrimento das adolescentes que, eventualmente, se tornarem vítimas.

Constatou-se que as adolescentes colocam essas recomendações como uma forma de evitar sofrimento na vida de outras adolescentes. Além disso, recomendações relacionadas a buscar proteção judicial, caso a situação de exposição ocorra, também aparecem nas falas das adolescentes. Por fim, contar aos pais ou outras pessoas que podem se estabelecer enquanto redes de apoio, buscar tratamento psicológico e deixar o tempo passar e a situação cair em esquecimento também são recomendações frequentes nos vídeos. Por isso, em concordância com Cardoso et al. (2019), é fundamental que os diferentes contextos que fazem parte da vida das adolescentes estejam disponíveis e preparados para lidar com esses temas de forma saudável e sem tabus.

2.4 Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. A análise temática empregada revelou que as famílias, os pares e as interações virtuais ocupam um espaço ambíguo na vida de adolescentes, pois para algumas delas estas pessoas e contextos foram protetivos e para outras intensificaram os fatores de risco decorrentes da exposição das imagens íntimas. Os relatos também permitiram identificar expressões da resiliência nas adolescentes, que mostraram-se fortalecidas e, de certa forma, terem superado os efeitos negativos associados à divulgação de suas imagens. Além disso, o estudo evidenciou que as adolescentes produziram vídeos para ajudar outras adolescentes e propuseram estratégias para a redução de danos, o que também está relacionado com o protagonismo juvenil e aos processos de resiliência.

A pesquisa possui limitações que devem ser consideradas, mas também abre margem para outros recortes investigativos que podem ser conduzidos no futuro. Primeiramente, os dados analisados são alusivos a adolescentes que expressaram terem encontrado mecanismos de enfrentamento à violência que estavam expostas. Estudos qualitativos conduzidos com adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas há pouco tempo, por exemplo, podem chegar a resultados distintos dos que foram apresentados neste estudo. Similarmente, investigações com amostras clínicas podem trazer dados discrepantes dos que foram levantados, especialmente se as adolescentes ainda estiverem em condição de sofrimento psíquico ou em busca de recursos para manutenção da saúde mental.

Os resultados debatidos no decorrer do artigo não são passíveis de generalização, pois referem-se a recortes populacionais específicos e provavelmente não são condizentes com outras realidades culturais. Análises interculturais mais amplas, que levem em consideração o uso de outras formas de análise de dados e o emprego de softwares, podem alargar a produção do conhecimento na área.

Embora possa ser considerada uma estratégia inovadora e promissora, a análise de dados derivados da produção de vídeos feitos por adolescentes e outras populações também possui limitações. Não é possível, por exemplo, utilizar campos de busca sofisticados, de modo que outros vídeos que tratavam do mesmo tema tenham ficado de fora da análise. Na mesma direção, os pesquisadores não conseguem ter acesso a informações que caracterizam as variáveis sociodemográficas dos participantes, o que certamente é uma questão que deve ser considerada por quem almeja replicar esta metodologia.

Uma indicação adicional aos cientistas da área é em relação à possibilidade de proceder com análises dos comentários deixados pelas pessoas que assistiram os vídeos. Embora não tenha sido objeto da presente investigação, foi possível constatar que as interações variam de mensagens encorajadoras a expressões machistas e ofensivas em relação às adolescentes. Softwares que possibilitem análises estatísticas de corpus textuais podem ser promissores também.

Referências

- Zappe, J. G., Santos, C. R. D., Ferrão, I. D. S., & Dias, A. C. G. (2013). Vulnerabilidade e autonomia na pesquisa com adolescentes privados de Liberdade. *Psicologia: ciência e profissão*, 33, 234-247. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100018>
- Alcantara, S. C. D., González-Carrasco, M., Montserrat, C., Casas, F., Viñas-Poch, F., & Abreu, D. P. D. (2019). Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 509-522. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.01302017>
- Aleixo, L. S. P., & Bastos, S. P. (2016). Controle de convencionalidade e gênero: perspectivas brasileiras no combate à disseminação não consensual de imagens íntimas. *Revista IDH*, 64, 215-238. <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r36282.pdf>
- Amparo, D. M. D., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de psicologia*, 13, 165-174. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200009>
- Assis, S. G., Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes. Artmed/UNICEF. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-426081>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições, 70, 279.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>
<https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

- Brenick, A., Flannery, K. M., & Rankin, E. (2017). Victimization or Entertainment?: How Attachment and Rejection Sensitivity Relate to Sexting Experiences, Evaluations, and Victimization. In: M. F. Wright, *Identity, Sexuality, and Relationships among Emerging Adults in the Digital Age*. 203-225. Hershey: IGI Global.
<https://doi.org/10.4018/978-1-5225-1856-3.ch013>
- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019a). Sexting: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 665-685. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46909>
- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019b). Sexting na adolescência: percepções dos pais. *Ciências Psicológicas*, 13(1), 19-31.
<https://dx.doi.org/10.22235/cp.v13i1.1806>
- Comitê Gestor da Internet no Brasil - TIC Domicílios 2019 (2020) [livro eletrônico]: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação nos Domicílios Brasileiros. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado em janeiro de 2021 de <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/>.
- Dias, A. R., Conde, C., Fráguas, L., Duarte, P., Ferreira, P. C., & Souza, S. B. (2018). Do sexting ao cyberbullying: principais motivações por detrás do fenômeno. *Revista @ambienteeducação*, 11(3), 290-305.
<https://doi.org/10.26843/v11.n3.2018.670.p290-305>
- Feitosa, L. D. S. (2020). *Desvendando o sexting: como as construções de gênero impactam a dinâmica das mensagens sexuais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40475/1/2020_LaradeSouzaFeitosa.pdf

- Francisco, M. V., & Coimbra, R. M. (2019). Bullying escolar e os processos de resiliência em-si sob a ótica da teoria histórico-cultural. *ETD-Educação Temática Digital*, 21(1), 145-163. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8651418>
- Góes, G. S. (2018). Divulgação de imagens íntimas na internet: revenge porn como forma de violência de gênero contra as mulheres, a partir da abordagem da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Santa Catarina. <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6050/1/GABRIELA%20SARTOR%20G%203%93ES.pdf>
- Gonçalves, V. C., & Almeida, M. N. D. (2018). A exposição pública não consentida da intimidade sexual: entre a tipificação e a culpabilização da vítima. *Revista de Criminologias e Políticas Criminais. Porto Alegre, RS: CONPEDI, 2018. Vol. 4, n. 2 (jul./dez. 2018), p. 119-137.* <https://doi.org/10183/204635>
- Hasinoff, A. A. (2017). Sexting and Privacy Violations: A Case Study of Sympathy and Blame. *International Journal of Cyber Criminology*, 11(2), 202-217. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1037391>
- International Telecommunication Union (ITU) (2021) Measuring Digital Development: Facts and Figures 2021 [livro eletrônico]: Geneva: International Telecommunication Union (ITU). Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2021.pdf>. Acesso em Janeiro de 2022.
- Klettke, B., Hallford, D. J., & Mellor, D. J. (2014). Sexting prevalence and correlates: A systematic literature review. *Clinical Psychology Review*, 34, 44-53. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.10.007>

- Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2018). Fatores de risco e de proteção para emitir delitos violentos: revisão sistemática da literatura. *Perspectivas em Psicologia*, 22(1), 180-206. <https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-13>
- Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.* Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente.
- Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014.* Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Diário Oficial da União. Brasília.
- Levinson, J. A., Greenfield, P. M., & Signorelli, J. C. (2020). A Qualitative Analysis of Adolescent Responses to YouTube Videos Portraying Sexual and Gender Minority Experiences: Belonging, Community, and Information Seeking. *Frontiers in Human Dynamics*, 2, 11. <https://doi.org/10.3389/fhumd.2020.598886>
- Libório, R. M. C., & Ungar, M. (2014). Resilience as protagonism: Interpersonal relationships, cultural practices, and personal agency among working adolescents in Brazil. *Journal of Youth Studies*, 17(5), 682-696. <https://doi.org/10.1080/13676261.2013.834313>
- Lordello, S. R., Souza, L., & Coelho, L. D. A. M. (2019). Adolescents and social networks: gender violence, sexting and cyberbullying in the movie Ferrugem. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(65), 68-81. <http://dx.doi.org/10.38034/nps.v28i65.538>
- Manoel, D. F. (2020). *A divulgação de conteúdos íntimos e os impactos nos processos de educação escolar: um estudo de caso na perspectiva histórico-cultural.* Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. (2020). Sexting e adolescência: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 37-50. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7322113>
- Marcilio, F. C. P., Thoman, S., Coscioni, V., & Koller, S. H. (2019). Protagonismo juvenil no contexto da medida socioeducativa: um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 69-81. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7155476>
- Martins, F., da Costa Sohngen, C. B., & da Silva Rodríguez, L. (2020). Problemas De Gênero: Compartilhamento De Imagens Íntimas sem Consentimento e Alterações Legislativas No Brasil. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, 44(2). <https://doi.org/10.5216/rfd.v44.58255>
- Medeiros, A. P. G. D., Carvalho, M. A. P. D., Medeiros, J. R. A. D., Dantas, G. D., Nascimento, A. Q. I. C. D., Pimentel, E. R. S., ... & Souza, G. P. (2019). Característica resiliente de famílias em convívio com o sofrimento psíquico. *Rev. enferm. UFPE on line*, 1-7. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.236727>
- de Menezes Gonçalves, A. (2018). Ética nas Redes Sociais. *Revista Científica SMG*, 6(2).
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Not-allowed sharing of sexts and dating violence from the perpetrator's perspective: The moderation role of sexism. *Computers in human behavior*, 56, 163-169. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.11.047>
- de Oliveira, B. L. C., & de Almeida, A. A. (2022). Modernização dos Crimes Sexting e Revenge Porn: No ambiente virtual contra a mulher. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(1), 263-270. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i1.3781>

- Ozan, Y. D., Duman, M., & Çiçek, Ö. (2019). Nursing students' experiences on assessing the sexuality of patients: mixed method study. *Sexuality and Disability*, 37(4), 613-623. <https://doi.org/10.1007/s11195-019-09567-6>
- Patrocino, L. B., & Bevilacqua, P. D. (2021). Divulgação não autorizada de imagem íntima: danos à saúde das mulheres e produção de cuidados. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 25, e210031. <https://doi.org/10.1590/interface.210031>
- Patrocino, L. B. (2022). *Divulgação não autorizada de imagens íntimas: experiências de mulheres e de cuidados em saúde*. Tese de Doutorado. Instituto Fiocruz, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Pew Research Center (2018) [livro eletrônico]: *Teens, Social Media and Technology 2018*. Pew Research Center. Washington, D.C. Recuperado em Fevereiro de 2021 de file:///C:/Users/harya/Downloads/PI_2018.05.31_TeensTech_FINAL.pdf
- Porto, A. A., & Richter, D. (2015). O Direito da Criança e do Adolescente e os Riscos do Cyberbullying e do Sexting no Ambiente Digital: Realidade ou Exagero?. *Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14278>
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Bottrell, D., & Noltemeyer, A. L. (2017). Resilience processes within the school context of adolescents with sexual violence history. *Educação em Revista*, 33, 1-25. <https://doi.org/10.1590/0102-4698157785>
- Ramos, F. Q. (2016). *Reflexões sobre o potencial terapêutico dos encontros com crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

- Rosário, A. C., Candeias, A., & Melo, M. (2017). Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3º ciclo do ensino básico. *Psicologia*, 31(2), 57-68. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v31i2.1153>
- Ruiz, J. P., Neris, N., & Valente, M. G. (2017). Revenge porn como violência de gênero: perspectivas internacionais. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11. http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503434623_ARQUIV_O_FazendoGenero_Revengeporncomoviolenciadegenerofinal.pdf
- SaferNet. (2016). *Indicadores Helpline*. Acesso em 02 de 06 de 2021, disponível em SaferNet: <https://indicadores.safernet.org.br/helpline/helplineviz/helpchart-page.html>.
- Salvador, P. T. C. D. O., Alves, K. Y. A., & Rodrigues, C. C. F. M. (2020). Online data collection strategies used in qualitative research of the health field: a scoping review. *Revista Gaúcha de enfermagem*, 41, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297>
- Santos, L. K. D. P. D., Santana, C. D. C., & Souza, M. V. O. D. (2020). Ações para o fortalecimento da resiliência em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3933-3943. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.22312018>
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000300027>
- da Silva Alves, A. C., Rizzotto, F. W., Holler, J. S. A., de Moura, S. M. C. B., & Pinheiro, L. (2019). Fatores Psíquicos e Comportamentais de Pessoas que superaram Adversidades. *Revista Pleiade*, 13(27), 34-42. <https://doi.org/10.32915/pleiade.v13i27.508>

- Silva, M. D. P., Matsukura, T. S., Cid, M. F. B & Minatel, M. M. (2015). Saúde mental e fatores de risco e proteção: focalizando adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. *Journal of Human Growth and Development*, 25(2), 162-169.
<http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.102999>
- Sousa, L. D. M. (2017). *Slut shaming e porn revenge: vivências de mulheres jovens e as repercussões para a saúde mental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12168>
- de Sousa, T. A. C., & de Paula Ribeiro, L. (2021). A Prática do “Sexting” Novas Modalidades de Violência e suas Consequências Penais. *Facit Business and Technology Journal*, 2(31).
<https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/1342>
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.
<http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>
- Souza, L., & Lordello, S. R. (2020). Sexting e Violência de Gênero entre Jovens: Uma Revisão Integrativa de Literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, 1-10.
<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>
- Stoco, I. M., & Bach, M. (2018). A mulher como vítima de crimes virtuais: a legislação e a jurisprudência brasileira. *Caderno de Iniciação Científica - FAE Business School*, 19(1), 679-698.
<https://cadernopaic.fae.emnuvens.com.br/cadernopaic/article/view/311>

- Ungar, M., Brown, M., Liebenberg, L., Cheung, M., & Levine, K. (2008). Distinguishing differences in pathways to resilience among Canadian youth. *Canadian Journal of Community Mental Health, 27(1)*, 1-13. <https://doi.org/10.7870/cjcmh-2008-0001>
- Ungar, M., Liebenberg, L., Dudding, P., Armstrong, M., & Vijver, F. J. (2013). Patterns of service use, individual and contextual risk factors, and resilience among adolescents using multiple psychosocial services. *Child Abuse & Neglect, (37)*, 150-159. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.05.007>
- Valero Martín, M. (2021). *Paradigma de La Resiliencia con Menores Víctimas de Violencia Sexual*. Dissertação de Mestrado. Universidad Pontificia Comillas, Madrid, Espanha. <https://repositorio.comillas.edu/xmlui/bitstream/handle/11531/51445/TFG%20Trabajo%20Social%20DEFINITIVO%20Maria%20Valero%20REVISADO%20.pdf?sequence=1>
- Vermeulen, A., Vandebosch, H., & Heirman, W. (2018). #Smiling, #venting, or both? Adolescents' social sharing of emotions on social media. *Computers in Human Behavior, 84*, 211-219. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.022>
- Woolard, A. (2011). *The frequency, attitudes, and beliefs of sexting among college students*. Unpublished Master's Thesis, Eastern Illinois University, Illinois, United States of America.
- Ximenes, V. M., Nepomuceno, B. B., Moura, J. F., Abreu, M. K. D. A., & Ribeiro, G. O. (2020). Propriedades psicométricas da versão reduzida da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psico-USF, 25*, 371-383. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250214>

- Zavala, G. P. G., & Briceño, M. L. D. C. (2019). Influencia de la estructura y la funcionabilidad familiar en la resiliencia de adolescentes en situación de pobreza. *Perspectiva de Familia*, 4, 27-45. <https://doi.org/10.36901/pf.v4i0.307>
- Ziliotto, G. C., & Marcolan, J. F. (2020). Compreendendo os preconceitos de indivíduos em sofrimento psíquico a respeito da sexualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0270>

3.0 Considerações Finais da Dissertação

Esta dissertação foi organizada no formato de dois artigos. O objetivo do primeiro foi discutir as limitações na coleta de dados com adolescentes, especialmente em investigações que envolvem temas delicados, bem como foi apresentada uma modalidade de pesquisa que envolveu a coleta de dados disponibilizados autonomamente pelas adolescentes em plataformas digitais. Já no segundo artigo buscou-se analisar os fatores de proteção e os processos de resiliência em adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas de maneira não consensual. Para isto, foram selecionados vídeos de adolescentes, residentes no Brasil e nos Estados Unidos, que tiveram suas imagens íntimas divulgadas sem o consentimento e que publicaram, voluntariamente, seus relatos em uma plataforma de vídeos online.

A partir do Artigo 1, notou-se que pesquisas conduzidas a partir de vídeos produzidos e postados por adolescentes de forma autônoma em plataformas virtuais se constitui como uma estratégia promissora. A partir da plataforma, as adolescentes puderam ser ouvidas e contar suas histórias da maneira na qual elas gostariam e se sentiam confortáveis. Um dos recursos que possibilitou que as adolescentes compartilhassem os conteúdos que elas se sentiam mais confortáveis foram as ferramentas de edição de vídeos.

A maior parte das meninas fez uso de um ou mais recursos de edição durante a produção dos vídeos, principalmente o uso de cortes, complementação de suas falas e o uso de recursos audiovisuais, como músicas ao fundo dos vídeos e frases projetadas na tela. O fato de as adolescentes poderem gravar seus vídeos no ambiente em que elas querem e se sentem à vontade também é importante, pois foi possível perceber que elas

podem ter acesso a recursos protetivos e exercer a autonomia e a espontaneidade, condições requisitos importantes nos estudos qualitativos.

Com relação ao Estudo 2, foi possível perceber que os familiares, os pares e o contexto virtual aparecem com destaque nos relatos das adolescentes, apesar de ocupar um papel ambíguo em suas vidas. Por um lado, se apresentam como um fator de risco e maximizam os impactos da divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual. Nestes grupos e contextos sociais, algumas adolescentes relataram não receber apoio e, não se sentiram amparadas e acolhidas. Por outro lado, existem relatos diferentes, cujas adolescentes pontuaram o quanto estes três segmentos foram protetivos, acolhedores e da importância que tiveram para a superação da situação de exposição.

Um outro ponto relevante, ainda referente ao Estudo 2, refere-se à capacidade de superação que as adolescentes demonstraram frente a situação adversa, relacionada à exposição de suas imagens íntimas. As adolescentes trouxeram relatos sobre o quanto elas aprenderam com a situação de exposição e pontuaram mudanças significativas em suas vidas e nas concepções sobre si mesmas, explorando o quanto ter sido vítima da divulgação de imagens íntimas de maneira não consensual as fizeram mais fortes, mais confiantes, menos preocupadas com a opinião alheia e influenciaram quem elas são hoje. Estes relatos evidenciam a manifestação de processos de resiliência, que ainda é um tema pouco explorado no campo de pesquisas acerca da divulgação de imagens íntimas na adolescência.

Complementarmente, a partir do estudo foi possível perceber que um dos objetivos centrais dos vídeos das adolescentes era se colocar como uma referência e ponto de apoio para outras meninas, principalmente aquelas que também estavam passando por uma situação de terem tido fotos íntimas divulgadas de maneira não consensual. As adolescentes

oferecem soluções para estas outras garotas e, além disso, dão conselhos e as direcionam frente a situação, reforçando que é algo temporário e que é possível enfrentar a situação. Houve, também, recomendações visando a prevenção da exposição, como por exemplo, não enviar nudes ou, se enviar, esconder características que facilitem a identificação (não mostrar o rosto, tatuagens e piercings), bem como recomendações posteriores à situação, como contar aos pais e buscar órgãos da justiça. Estes aspectos estão relacionados à busca de um bem-estar coletivo e reivindicação de direitos, portanto, também estão associados aos processos de resiliência e ao protagonismo juvenil.

A pesquisa conta com algumas limitações, tanto no Estudo 1 quanto no Estudo 2. A coleta de dados por intermédio de materiais produzidos e publicados online pelas adolescentes não possibilita a captura de experiências de todos os adolescentes, principalmente aqueles que não possuem acesso à internet. Além disso, é uma metodologia que carece de discussões éticas, visto que apesar de fazer uso de dados públicos, estes são relativos a pessoas que não necessariamente validam as interpretações de pesquisadores. Dados sociodemográficos das vítimas também são difíceis de serem localizados, o que reduz a possibilidade de análises mais consistentes. Ademais, os dados analisados são, por hipótese, de adolescentes que já passaram por um processo de elaboração da situação de exposição e, desse modo, pode não condizer com a realidade de adolescentes que acabaram de vivenciar a situação de exposição. Por fim, os recursos e os modos de funcionamento da própria plataforma também aparecem como uma limitação, pois devido ao seu caráter comercial e de monetização, podem conter vídeos sensacionalistas e até mesmo relatos falsos.

Dessa forma, recomenda-se que sejam realizados estudos futuros que investiguem, de maneira mais aprofundada, a coleta de dados a partir de materiais produzidos

espontaneamente e publicados em plataformas digitais, bem como seus aspectos éticos. Espera-se, também, que sejam conduzidos estudos que tenham como foco a intervenção, tanto a nível preventivo quanto especializado, com adolescentes de ambos os sexos que praticam *sexting* ou que compartilham, inadvertidamente, esses conteúdos. As intervenções não devem se pautar em retóricas moralistas, mas precisam informar os jovens sobre as práticas, benefícios do *sexting*, implicações advindas da exposição, entre outras temáticas relevantes, de forma que os adolescentes consigam ter uma postura mais crítica frente a estes fenômenos. Espera-se que o conhecimento produzido ao longo desta dissertação possa contribuir nessa empreitada.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Haryadny Kamylla Macedo Muniz, realizada em 30/05/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa (UFSCar)

Profa. Dra. Denise Falcke (UNISINOS)

Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo (FURG)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.